

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUCAS VARGAS DE FRAGA

Realismo capitalista, regime de historicidade e sofrimento mental: o discurso neoliberal sobre saúde mental no relatório da OMS (2022)

Porto Alegre, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUCAS VARGAS DE FRAGA

Realismo capitalista, regime de historicidade e sofrimento mental: o discurso neoliberal sobre saúde mental no relatório da OMS (2022)

Monografia para obtenção do título de Licenciado em História do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila

Porto Alegre, 2023.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ser escrito sem as instituições e indivíduos das quais dedico. Primeiramente a universidade pública que propiciou um ambiente de debate fecundo e de resistência política inigualável, ao meu orientador Arthur Lima de Ávila pelo apoio e apontamentos essenciais e aos demais professores e colegas que fizeram da minha estadia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ainda melhor.

À minha família que sem seu suporte tornaria essa empreitada impossível, em especial meus pais Ana Lúcia e Clodoaldo pelo seu amor e carinho, bem como meu irmão Felipe, apesar dele ser um social-democrata reformista.

Agradeço a minha companheira Carolina Suriz dos Santos pelo apoio e ajuda na revisão do texto, bem como o debate intelectual que temos diariamente, tenho muita sorte de ter uma grande historiadora e pesquisadora ao meu lado, te amo.

Aos estagiários do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) que todo dia pela manhã tem que aturar minhas piadas de tio, em especial meus companheiros da ilha de habilitação de casamento: Gabriel dos Santos Barboza, Guilherme Fritsch Garcia e Rafaela Recuero de Mello. Nosso coordenador de equipe Gabriel Gazieiro e nosso mestre Loy.

Por último, mas não menos importante, aos meus irmãos de vida e boêmia: Giuseppe Tancredo, Pedro Oliveira, Giovanni Finatto, Rafael Martins, Renato Matos, Greco Figueiredo, Davi Broilo, Fernando Claro, Gustavo Fanslau, Lucas Kaíque, Téo Coelho, Rodrigo Drebes, Walter Bucholz e Felipe Marcolin.

Se esqueci alguém peço perdão pois sou péssimo em agradecimentos, muito obrigado a todos sem vocês não seria o que sou hoje.

*Même si les étoiles ont pâli.
Ne me parle pas de nostalgie.
J'ai la mémoire du passé.
Le présent à affronter.

J'avance vers le futur.
Car le futur est à nous.¹*

¹ “Mesmo que as estrelas estejam pálidas. Não me fale de nostalgia. Eu tenho a memória do passado, o presente para enfrentar. Eu avanço para o futuro. Porque o futuro é nosso.” Trecho da música “Le futur” da banda francesa Brigada Flores Magon.

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender a relação entre crise de temporalidade, realismo capitalista e sofrimento mental. De forma a buscar elaborar uma relação de complemento entre a hipótese presentista de François Hartog com a noção de Realismo Capitalista apresentada por Mark Fisher. Para isso se analisa a formação hegemônica do neoliberalismo no contexto brasileiro e seus impactos na formação de um certo tipo de discurso e racionalidade que operam em um tipo específico de relação entre o passado, presente e futuro; bem como em um certo tipo de compreensão sobre o que é o sofrimento mental causado por estes. Para materializar tal ideia é analisado o Relatório Mundial sobre Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde, buscando compreender os rastros deixados pelo realismo capitalista e o tipo de compreensão neoliberal de saúde mental individualizada e autogerenciada.

Palavras chave: Presentismo, Realismo Capitalista, Neoliberalismo, Saúde Mental.

Abstract

This research seeks to understand the relationship between temporality crisis, capitalist realism and mental suffering. In order to seek to elaborate a complementary relationship between the presentist hypothesis of François Hartog with the notion of Capitalist Realism presented by Mark Fisher. For this, the hegemonic formation of neoliberalism in the Brazilian context is analyzed and its impacts on the formation of a certain type of discourse and rationality that operate in a specific type of relationship between the past, present and future; as well as a certain type of understanding about what is the mental suffering caused by these. To materialize this idea, the World Health Organization's World Report on Mental Health is analyzed, seeking to understand the traces left by capitalist realism and the type of neoliberal understanding of individualized and self-managed mental health.

Key words: Presentism, Capitalist Realism, Neoliberalism, Mental Health.

SUMÁRIO

Introdução	07
Capítulo 1: O ordenamento do tempo na sociedade neoliberal	11
1.1 Neoliberalismo à brasileira.....	12
1.2 Presentismo e ideologia neoliberal.....	16
1.3 O Realismo Capitalista.....	19
Capítulo 2: A saúde mental no realismo capitalista	23
2.1 O surgimento do diagnóstico depressivo.....	25
2.2 Gestão de sofrimento psíquico e gestão de futuro.....	27
2.3 Estudo de caso - o relatório da OMS sobre saúde mental (2022).....	30
Considerações Finais	41
Referências Bibliográficas.....	44

INTRODUÇÃO

Em 2020, pela primeira vez no mercado editorial brasileiro, é lançado pela editora Autonomia Literária, a obra *Realismo Capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* do teórico cultural e filósofo inglês Mark Fisher. Nesta obra Fisher analisa os impactos do Neoliberalismo na subjetividade da sociedade nos mais diversos âmbitos sociais como cultura, educação e saúde, durante minha leitura pude perceber a proximidade da problemática ali tratada com a realidade na qual me encontrava no momento.

O realismo capitalista para Fisher, provoca um lento cancelamento do futuro. A naturalização do capitalismo e a pressão da ideologia² capitalista acaba por gerar um fim da própria historicidade. A crença do progresso e o otimismo com o futuro, centrais para a experiência de tempo nos séculos XIX e XX, é suplantado pelo fetiche da distopia e a impossibilidade de superação do modo de produção devorador que é o capitalismo. Desse modo

O realismo capitalista [...] pode ser visto tanto como uma crença como uma atitude. É a crença de que o capitalismo é o único sistema econômico viável, uma simples reafirmação da antiga máxima thatcherista: “não há alternativa”. Não se tratava necessariamente da ideia de que o capitalismo é um sistema particularmente bom: se tratava de persuadir as pessoas a acreditarem que ele é o único sistema viável e que a construção de uma alternativa é impossível. O descontentamento ser praticamente universal não muda o fato de que não parece haver alternativa viável ao capitalismo. Não muda a crença de que o capitalismo ainda possui todas as cartas na mesa e que não há nada que possamos fazer sobre isso.³

Para além deste conceito central, que a primeira vista pode parecer uma repetição de Jameson ou uma versão à esquerda de Fukuyama⁴, o elemento que mais me impactou

² Ideologia será usada neste trabalho como o conceito definido por Louis Althusser, um aspecto da totalidade do real que opera no inconsciente, que irá ser fundante para um certo tipo de subjetividade, práticas e discursos típicos da racionalidade neoliberal, por sua vez entendida como posto por Pierre Dardot e Christian Laval, em sua obra *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, como práticas autorreguladoras dos sujeitos dentro da forma neoliberal de sociedade.

³FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 152.

⁴ Jameson utiliza o termo *pós-modernismo* para analisar a lógica cultural no capitalismo tardio do qual um dos efeitos é esse sufocamento do futuro pelo presente, porém ele ainda escreve sobre a sombra de uma alternativa existente: a do socialismo real. Fukuyama por sua vez declara o fim da história justamente após a queda do bloco socialista, declamando a vitória do ocidente capitalista contra o oriente socialista. Fisher se

durante minha leitura foi o da melancolia presente em cada capítulo. Na minha compreensão, o livro de Fisher não é apenas sobre o *realismo capitalista*, mas sim sobre o indivíduo Mark Fisher ao se deparar com essa realidade sufocante. Cada exemplo dado parece carregar as angústias do próprio autor que observa e analisa as consequências da problemática apresentada e mesmo assim continua preso nesse realismo.

O “lento cancelamento do futuro”⁵ citado por Fisher me parecia próximo demais. Meu primeiro contato com a obra ocorreu no ano de seu lançamento. Minha realidade: de um jovem estudante de uma universidade federal, de um curso de ciências humanas, trancafiado dentro de casa por causa de uma pandemia global, desempregado e com um governo fascista e negacionista se encaixava bem até demais com a premissa de que não há futuro.

Não é por acaso que eu e muitas outras pessoas começamos, ou retornamos no meu caso, ao tratamento medicamentoso para depressão e ansiedade.

Durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção. Tragédias anteriores mostraram que as implicações para a saúde mental podem durar mais tempo e ter maior prevalência que a própria epidemia e que os impactos psicossociais e econômicos podem ser incalculáveis se considerarmos sua ressonância em diferentes contextos.⁶

Claro que para além da experiência vivida pessoalmente, os efeitos dos acontecimentos descritos acima operam não apenas na minha psiquê. Obviamente meu reconhecimento com as angústias ali colocadas foram centrais para o início e andamento dessa pesquisa. Mas para além de um exercício de autoterapia esse trabalho busca compreender como as problemáticas postas pelo neoliberalismo afetam uma grande parte da sociedade, em especial a brasileira.⁷

utiliza dos dois para formular sua hipótese. Jameson como inspiração de análise, Fukuyama como exemplo da máxima Thatcheriana de que “não há alternativa”.

⁵ Fisher retira essa expressão, designada para ilustrar o sufocamento de futuros possíveis pelo capitalismo, do livro “*After the future*” escrito pelo filósofo comunista italiano Franco Berardi.

⁶ ORNELL, Felipe et al. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria**, v. 10, n. 2, p. 12-16, 2020.

⁷ “Foi estimado que 10,2% das pessoas de 18 anos ou mais de idade receberam diagnóstico de depressão por profissional de saúde mental (em 2013, 7,6%). Isto representa 16,3 milhões de pessoas, com maior prevalência na área urbana (10,7%) do que rural (7,6%). As Regiões Sul e Sudeste apresentaram os maiores percentuais de pessoas com depressão diagnosticada, acima do percentual nacional, 15,2% e 11,5%, respectivamente.”

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal**. Rio de Janeiro; 2020. p. 69.

Novamente Fisher irá abordar tal problemática em seu texto, amplamente influenciado pela teoria do discurso Lacaniana⁸, Fisher nos comenta que

... é preciso reformular o problema crescente do estresse e da angústia nas sociedades capitalistas. em vez de atribuir aos indivíduos a responsabilidade de lidar com seus problemas psicológicos, aceitando a ampla privatização do estresse que aconteceu nos últimos trinta anos, precisamos perguntar: quando se tornou aceitável que uma quantidade tão grande de pessoas, e uma quantidade especialmente grande de jovens, estejam doentes? A “epidemia de doença mental” nas sociedades capitalistas deveria sugerir que, ao invés de ser o único sistema que funciona, o capitalismo é inerentemente disfuncional, e o custo para que ele pareça funcionar é demasiado alto.⁹

Tentando costurar melhor essa relação entre capitalismo e saúde mental que me deparei com os debates sobre historicidade e temporalidade. Como a relação entre os sujeitos e sua percepção de tempo histórico podem influenciar nos tópicos abordados acima? O cancelamento do futuro seria uma das causas ou um sintoma dessa epidemia de depressão?

O principal interlocutor para com Mark Fisher que achei adequado abordar foi o historiador francês François Hartog. A definição de realismo capitalista, dialoga profundamente com uma hipótese de François Hartog, a do "presentismo". A ideia de um presente que domina as relações entre sujeito e o tempo histórico, de “um presente onipresente, onipotente que se impõe como único horizonte possível e que valoriza só o imediatismo”¹⁰. Porém presentismo de Hartog, assim como o realismo capitalista de Fisher não se resume apenas a análise da centralidade do presente, mas também no seu negativo decorrente, a perda do futuro:

O presentismo, pode assim, ser um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente stagnante. a isso, deve-se ainda acrescentar outra dimensão de nosso presente: a do futuro percebido não mais como promessa, mas como ameaça; sob a forma de catástrofes de um tempo de catástrofes que nós mesmos provocamos¹¹

⁸ Fisher se utiliza de Lacan ao utilizar a dupla valoração e o choque de contradições da teoria lacaniana do discurso, ou seja, a dupla reconhecimento-estranhamento proveniente do discurso capitalista e da extração de mais-gozo. Logo, ocorre uma ruptura na própria relação entre representação e real no inconsciente do sujeito, gerando o mal estar e, supostamente, essa imobilidade que pode levar a uma percepção de tempo, onde o presente é agonizante e o futuro catastrófico.

⁹ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?**. Autonomia Literária, 2020, p. 37.

¹⁰ HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2013, p. 15.

¹¹ *Idem*, p. 15..

A hipótese presentista de Hartog se origina de outro conceito apresentado pelo mesmo, utilizando-se de Koselleck e das suas categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, Hartog nos apresenta o “regime de historicidade”:

Regime: a palavra remete ao regime alimentar (regimen, em latim, diaita, em grego), ao regime político (politeia), ao regime dos ventos e ao regime de um motor. São metáforas que evocam áreas bem diferentes, mas que compartilham, pelo menos, de grau, de mescla, de composto e de equilíbrio sempre provisório ou instável. Assim, um regime de historicidade é apenas uma maneira de engrenar passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias, justamente como se falava, na teoria política grega, de constituição mista (misturando aristocracia, oligarquia e democracia, sendo dominante de fato um dos três componentes)¹²

Esse *regime de historicidade presentista* parece-me em profundo conluio com o *realismo capitalista*. Ambos são partes de um quebra-cabeça que acaba por me levar aos meus problemas inicialmente apresentados. Inspirado pela metáfora de Hartog, permito-me tentar explicar minha ideia em uma metáfora também: se o regime é o motor, o carro é o capitalismo, a direção a ideologia e infelizmente o poste em que batemos é o mal estar societário geral que atravessamos há algumas décadas.

Posto isso parto da hipótese de que: o Realismo Capitalista opera na formação de um certo tipo de temporalidade que entra em choque com o próprio sujeito que nela está inserida, portanto pode-se afirmar que a crise da História pode ser compreendida principalmente como a perda possíveis futuros e o mal-estar decorrente na sociedade capitalista neoliberal, em especial a brasileira.

Esse mal-estar irá passar por uma transformação na sua nomeação e compreensão. Sendo transformado do seu entendimento inicial oriunda da psicanálise freudiana como um choque entre o sujeito e o social, para a nomeação da hipótese biológica e individualizante da depressão, de forma assim a se adequar e ser instrumentalizado dentro do discurso neoliberal. Com ênfase no aspecto individual da patologia, esquecendo-se de todo ambiente social que o propicia.

Para isso irei separar o presente trabalho em dois capítulos: sendo o primeiro direcionado em uma rápida e sucinta análise do contexto histórico do neoliberalismo no Brasil nos últimos 30 anos. Com o avanço do neoliberalismo selvagem e irrestrito da década de 90 com Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso, sua relativa desaceleração com os governos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para sua posterior

¹² HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2013, p. 11.

acentuada pós-crise do capital financeiro de 2008. Em especial após o segundo governo social-liberal da presidenta Dilma Rousseff, e seu ápice de selvageria com os governos golpistas de Michel Temer e fascistas de Jair Bolsonaro. Buscando compreender os elementos da formação da *hegemonia*¹³ neoliberal no cenário político nacional.

Posteriormente entrarei no debate teórico de crise de futuros possíveis e realismo capitalista como fruto dessa hegemonia neoliberal. Onde irei tentar inserir e relacionar a bagagem marxista de Fisher, e outros como Fredric Jameson e Louis Althusser, com o debate sobre temporalidade e regimes de historicidade em Hartog e Koselleck, em diálogo com autores latinoamericanos e brasileiros da teoria crítica da atualidade.

Por fim o segundo capítulo, que precederá a conclusão do trabalho, será direcionado para tratar a historicidade da questão da saúde mental, e tentar iniciar uma compreensão de quais os impactos do neoliberalismo e da relação entre sujeito-tempo nas crises de mal estar dos indivíduos e da sociedade, se valendo principalmente de dois pensadores brasileiros o filósofo Vladimir Safatle e o psicanalista Christian Dunker. Em conjunto com um estudo de caso sobre o Relatório sobre saúde mental publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no ano de 2022, para tentar compreender de que forma a saúde mental é tratada no órgão máximo na política externa sobre o tema, seus discursos e práticas sugeridas.

1 - O ordenamento do tempo na sociedade neoliberal

A obra realismo capitalista do intelectual Mark Fisher analisa os efeitos sociais na cultura e na subjetividade dos indivíduos inseridos em uma sociedade regida sob um certo tipo de razão social. O caso apresentado em seu livro pensa nessa razão social e semântica, ambas produzidas pela sociedade neoliberal. Um dos elementos centrais apresentado pelo autor é o cancelamento de possíveis futuros, vinculados à distopias capitalistas, e o sufocamento por um presente acelerado, típico da sociedade neoliberal pós 1989. Fisher

¹³ O conceito de Hegemonia utilizado por mim se refere ao conceito Gramsciano de Hegemonia Ético-Política, a dominação ideológica de uma classe sobre outra baseada em consenso e não somente coerção.

compara a situação do indivíduo preso nesse *realismo capitalista*¹⁴ como o de alguém neurodivergente¹⁵, dessa forma a experiência de tempo do sujeito “é análogo à perspectiva deflacionária de um depressivo, que acredita que qualquer estado positivo, qualquer esperança, é uma perigosa ilusão”¹⁶

Esta crise, que podemos chamar de uma crise de futuro, está intrinsecamente ligada aos efeitos da sociabilidade neoliberal. A mercantilização do próprio tempo, a devastação das relações sociais de trabalho e a conquista hegemônica do neoliberalismo na década de 1990 tiveram esse efeito na subjetividade e na experiência de tempo dos sujeitos¹⁷. Essa nova subjetividade acaba por se consolidar como uma semântica própria

[em] diferentes esferas sociais, noções que até então pareciam sólidas e imprescindíveis de repente mostram-se ferramentas frágeis e arcaicas. Conceitos como “progresso” e “formação”, tão centrais na constituição do sujeito moderno, passam a dar lugar a termos como “flexibilidade”, “capacidades” e “resiliência”. Na política, cada vez mais categorias como “governança” e “gestão” deslocam e ressignificam conceitos fundamentais, como os de “democracia” e “soberania”. Mais que a simples substituição de palavras isoladas, esse processo envolve a remodelação de toda uma rede semântica, assim como a reconfiguração das instituições nas quais essa rede se insere e das subjetividades que engendra.¹⁸

Dessa forma, o *realismo capitalista* nos fornece conteúdo para compreender as formas específicas dos efeitos dessa nova semântica organizacional do tempo. Mais especificamente, o realismo capitalista nos apresenta as bases materiais das quais essa nova relação de tempo é erigida: a ideologia neoliberal. O autor nos permite compreender como uma das produções dessa nova forma de acumulação de capital, a neoliberal, é justamente a imposição do passado e do futuro pelo presente. Não um apagamento de passado, mas traumas de passados, nem um apagamento do futuro, mas um medo dos futuros possíveis.

¹⁴Utilizarei ao longo do trabalho este termo segundo o conceito de Fisher em sua obra analisada nesta pesquisa.

¹⁵Termo cunhado pela socióloga australiana Judy Singer que busca se contrapor à teoria dominante de que transtornos psicológicos ou neurodesenvolvimentais seriam estritamente patológicos, ao invés disso busca olhar tais questões sobre o prisma da materialidade social.

¹⁶ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 14.

¹⁷ Neste trabalho, quando me refiro aos “sujeitos”, me refiro a um tipo específico, que são a maioria dos sujeitos no capitalismo tardio. A massa trabalhadora. As experiências de tempo dos 1% da população que explora as demais, na sua busca eterna por uma juventude física conseguida abaixo de cirurgias plásticas, ou que visam colonizar outros planetas enquanto destroem o nosso, não são o objeto central dessa análise. Seja por sua infima parcela populacional, seja porque são eles mesmos os beneficiários que, enquanto brincam de deuses, apagam a possibilidade de se pensar sobre o futuro de todo o resto da população.

¹⁸ TURIN, Rodrigo. **Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal.** Copenhagen: Zazie, 2019, p. 19.

Essa nova relação temporal vai ser introduzida na realidade brasileira em conjunto com a forma neoliberal de exploração, iniciada após o período militar ditatorial. Em especial com o avanço do bloco hegemônico neoliberal que ascendeu ao poder durante a década de 1990, e seus recuos e avanços durante o século XXI.

1.1: Neoliberalismo à brasileira

Impossível falar sobre a experiência de tempo dos sujeitos da década de 1990 em diante, sem falar de seu alicerce sócio-econômico. Sua origem nos 1980 com o início da forma neoliberal como prática política de estado, principalmente com Ronald Reagan nos Estados Unidos da América e Margaret Thatcher nos Reino Unido¹⁹, porém somente após a dissolução da União soviética é que

[o] neoliberalismo se tornou hegemônico como modalidade de discurso e passou a afetar tão amplamente os modos de pensamento que se incorporou às maneiras cotidianas de muitas pessoas interpretarem, viverem e compreenderem o mundo.²⁰

Essa hegemonia ocorreu sem sua contraparte antagonista, no caso, a experiência do socialismo real. Assim sendo, a disputa ideológica durante a década de 1990 foi tão esmagadora para os contrários ao sistema capitalista, e até mesmo para uma esquerda reformista, que o resultado leva a essas forças políticas a aceitar e introduzir as premissas neoliberais dentro do seu discurso e prática. O neoliberalismo que no princípio se resumia a governos de extrema-direita —como Pinochet, Reagan e Thatcher— alcança tal nível de dominação discursiva e subjetiva que até mesmo os seus oponentes principais no âmbito político institucional, na figura das social-democracias reformistas, acabam por internalizar suas práticas de “gestão”.²¹

No Brasil a cronologia e prática não foi diferente. Com o fim da ditadura civil-militar em 1985 a disputa de diferentes blocos hegemônicos pelo poder e os conflitos de interesses dentro da própria classe burguesa brasileira impediram a aceleração do desmonte da lógica estatal que dominava a ideologia militar anterior.

¹⁹ A primeira experiência neoliberal de fato se dá na ditadura de Augusto Pinochet no Chile que tem início em 1974, porém dada a realidade geopolítica, a ascensão de figuras como Reagan e Thatcher em economias centrais do capitalismo mundial acabam por gerar um impacto muito maior na popularização e exportação dessa forma de acumulação ao redor do globo.

²⁰ HARVEY, David. **O neoliberalismo: História e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008, p. 3

²¹ ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós Neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 11.

Na década de 1990 com a eleição de Fernando Collor de Mello é que se deu início a experiência do modelo neoliberal brasileiro. Ao se vender como um candidato “novo”, “moderno” e “fora dos sistema”, Collor é uma das primeiras figuras que se utiliza desse discurso neoliberal. O “caçador de marajás” constrói sua fama através de um discurso e prática pelo combate ao funcionalismo público e uma retórica virulenta anti nacional-desenvolvimentista, anti-estatal e acima de tudo internacionalizante, fruto de seu apoio do capital financeiro internacional.²²

O avanço do desmonte da economia nacional e liberalização total, foi impedido pela sucessão de crises somada a inabilidade política do ex-presidente Collor. Abandonado por seus aliados políticos e da classe burguesa, o presidente em exercício na época ficou isolado e não conseguiu terminar seu mandato.

Nossa saga neoliberal ganha um novo capítulo com a eleição de Fernando Henrique Cardoso (FHC). O então ministro da Fazenda do governo de Itamar Franco (sucessor de Collor), ganha capital político por liderar a equipe do assim chamado *Plano Real*, projeto econômico que visava a estabilização monetária que ganhou grande prestígio perante a população por ter controlado a hiperinflação, após o fracasso de três planos monetários desde a redemocratização.²³

O sucesso derivado do *Plano Real* e sua conseqüente estabilidade monetária, gerou tanto prestígio para o então ministro da fazenda que sua eleição frente ao candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) foi segura. Assim a carta branca foi dada para que o “príncipe dos sociólogos” pudesse pôr em prática a cartilha neoliberal, impulsionando ainda mais o discurso e ideologia neoliberal para as esferas econômicas, políticas e do dia a dia social.²⁴ O período de oito anos de governo de FHC foi quando as práticas neoliberais mais avançaram no país até então, a abertura econômica prevista para a estabilidade cambial destruiu o setor industrial brasileiro e diversas mudanças institucionais foram postas em prática para “desinchar” o Estado brasileiro. Dentre elas a quebra de monopólios estatais como petróleo e telecomunicações, leis de concessão de serviços públicos e profundas privatizações em diversas empresas federais e estatais.²⁵

²² SALLUM JR., Brasílio. O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1999, p. 27

²³ Sendo dois no governo Sarney: Cruzado e Cruzado Novo e um durante o governo Collor: Cruzeiro.

²⁴ HERMIDA, Jorge Fernando; LIRA, J. de S. Estado e neoliberalismo no Brasil (1995-2018). **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba**, v. 13, n. 35, 2018, p. 41

²⁵ IANONI, Marcus. Políticas públicas e Estado: o plano real. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 200, p. 174-475.

Em resumo, o governo FHC seguiu à risca uma noção de *ontologia empresarial*, na qual a maioria das funções que antes eram responsabilidade do Estado passam a ser geridas pela iniciativa privada, com o discurso de que só ela teria a capacidade e “dinamismo” necessários.²⁶ Dessa forma o discurso empresarial se infiltra no dicionário político, o objetivo da política dessa forma se assemelha discursivamente ao de uma empresa, onde os políticos devem ser bons “gestores”.

Com a vitória do candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições presidenciais de 2002, Luiz Inácio Lula da Silva, parecia que ocorreria uma virada nessa lógica governamental. Como o teórico marxista e geógrafo urbano David Harvey argumenta em sua obra: *O neoliberalismo: História e Implicações*, tal forma histórica de acumulação de capital toma tal projeção hegemônica que até mesmo os partidos social-democratas costumam ser seus melhores implementadores.

Antes mesmo de assumir o seu primeiro mandato, o então candidato Lula já dava suas sinalizações ao “mercado” com a *Carta ao povo brasileiro*. Durante seus dois mandatos seguidos, o governo Lula manteve as principais práticas econômicas herdadas do governo FHC, especialmente o famoso tripé: metas de inflação, regime de câmbio flutuante e ajuste fiscal. A submissão aos ganhos do mercado financeiro e ao capital especulativo com as altas taxas de juros, drenando o país por meio da dívida pública. Além disso, a separação da economia e política, típica da ideologia neoliberal que busca envernizar suas práticas políticas com o aspecto da tecnicidade e neutralidade, nesse período exemplificado pela cada vez maior autonomia do Banco Central, maior autoridade monetária nacional.²⁷

Inegável também foram as contribuições desse governo com a justiça social²⁸, o PT buscava se manter um equilíbrio entre as pressões populares pelas cobranças de resolução de problemas históricos da classe trabalhadora que foram prometidos em campanha, e por outro lado manter os interesses do mercado financeiro internacionalizado.

Esses anos de governos Lula conseguiram frear minimamente o avanço da frente neoliberal ortodoxa no país. Porém, após a crise de 2008 e a eleição da presidente Dilma Rousseff a empreitada petista tornou-se atribulada. A diferenciação durante a campanha presidencial entre os dois candidatos, do PT e do Partido da Social Democracia Brasileira

²⁶ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 34.

²⁷ HERMIDA, Jorge Fernando; LIRA, J. de S. Estado e neoliberalismo no Brasil (1995-2018). **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba**, v. 13, n. 35, 2018, p. 50.

²⁸ *Idem*, p. 52.

(PSDB), foi completamente esquecida. Após o agravamento da crise político-institucional, Rousseff assume a política econômica do partido derrotado e chega a instaurar no ministério da fazenda Joaquim Levy, a adoção à cartilha neoliberal pela presidenta acaba por afastá-la ainda mais de sua base social, estavam postos os peões para a ofensiva reacionária que viria.²⁹

O golpe de 2016 e o governo reacionário de Michel Temer marcam a ascensão e o retorno da ideologia neoliberal nua e crua nos âmbitos das políticas de estado. Iniciou-se assim o desmonte e desconstrução de conquistas históricas da classe trabalhadora: como a aprovação da reforma trabalhista, destruindo direitos trabalhistas e jogando o povo na informalidade e na superexploração; o início do processo de reforma previdenciária e a Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016 (Emenda Constitucional nº 95/2016), a PEC do teto de gastos, que efetivamente congela o aumento de gasto público em vinte anos.³⁰

Tal retorno ao neoliberalismo ortodoxo atinge seu ápice no Brasil com o governo fascista de Jair Bolsonaro; seguindo a cartilha do “Chicago Boy” Paulo Guedes o país se viu engolido pela barbárie social. O estado mínimo funcionou muito bem durante a pandemia de COVID-19, seguindo sua lógica máxima: Mercado primeiro, vidas depois. A informalidade atinge números alarmantes, mas pelo menos estávamos a salvo do fantasma do comunismo.

Todo esse breve panorama histórico busca dar a base material-ideológica da formação de uma hegemonia neoliberal no Brasil e os impactos que a mesma tem na sociabilidade e, como será demonstrado nos subtópicos a seguir, na percepção de tempo dos indivíduos nela inseridos.

Falamos de hegemonia no sentido gramsciano: a conversão de uma ideologia e de uma plataforma política de classe em “cimento” de um novo bloco histórico. A apologia do mercado e da empresa privada, como espaços da eficiência e da iniciativa inovadora e progressista, e a correspondente condenação do Estado e das empresas públicas, como o espaço do desperdício, do burocratismo e dos privilégios, são idéias que ganharam a condição de verdadeiro “senso comum”, difundindo-se e penetrando, de modo desigual e às vezes contraditório, porém largamente, no conjunto da sociedade brasileira, inclusive, portanto, nas classes populares.³¹

²⁹ *Idem*, p. 55.

³⁰ *Idem*, p.57

³¹ BOITO JR, Armando. Hegemonia neoliberal e sindicalismo no Brasil. **Crítica marxista**, v. 1, n. 3, 1996, p. 80.

Ou seja, essa nova semântica ou lógica neoliberal não se resume às elites econômicas ou ao discurso político, mas se insere no dia a dia das camadas populares. Sendo formadora de um modo de pensar que é amplamente inserido na sociedade como um todo, de caráter totalizante e estruturante das relações sociais.

1.2 Presentismo e ideologia neoliberal.

A tradição historiográfica do século XX nos fornece instrumentos importantes para compreender essa relação temporal entre passado, presente e futuro e seus sujeitos históricos. Antes de chegar à hipótese presentista de Hartog, central para essa pesquisa, permitam-me explicar sobre os conceitos centrais por detrás da noção de *regime de historicidade* que é ferramenta essencial para a construção de sua hipótese.

Hartog utiliza como arcabouço teórico o historiador alemão Reinhart Koselleck que cunhou dois conceitos centrais para a compreensão da relação entre sujeito e tempo histórico. São eles o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa*. O *espaço de experiência* remete ao passado, às formas coletivas com que uma sociedade lida e percebe seu passado, dessa forma, segundo Koselleck em sua obra *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*; a experiência é o *passado atual*, onde os acontecimentos referidos a tempos anteriores são incorporados na subjetividade geral. Um passado social que remete a compreensão do mesmo no presente³². Por outro lado, o *horizonte de expectativa* é a articulação desses indivíduos no presente sobre o futuro, afinal segundo Koselleck “a expectativa se realiza no hoje”³³ ela é o *futuro presente*. Ambas as categorias são reflexos de como o passado e futuro são percebidos e operacionalizados no presente, e nos dizem como que os sujeitos em um determinado tempo histórico compreendem suas experiências e expectativas.

Da articulação desses dois conceitos que, para Koselleck surge o tempo histórico, “é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico”³⁴. Koselleck compreendia essas categorias como meta-históricas, e em conjunto elas dariam as condições de possibilidade

³² KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 309-310.

³³ Idem, p.311

³⁴ Idem, p. 313

da própria história. E é partindo dessas duas categorias que o historiador francês François Hartog vai produzir o conceito de *regime de historicidade*.³⁵

O *regime de historicidade* então pode ser compreendido como uma forma de ordenação do tempo, síntese derivada das contradições entre *espaços de experiências* e *horizontes de expectativa* de uma determinada sociedade³⁶ e de seus agentes e instituições políticas, afinal

(..)o tempo histórico, caso o conceito tenha mesmo um sentido próprio, está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações.³⁷

A produção desse ordenamento subjetivo do tempo, e ao mesmo tempo político na sociedade neoliberal é o que resulta na hipótese presentista de Hartog.

[Um] regime de historicidade nunca foi uma entidade metafísica, caída do céu e de alcance universal. É apenas a expressão de uma ordem dominante do tempo. Tramado por diferentes regimes de temporalidade, ele é, concluindo, uma maneira de traduzir e de ordenar as experiências do tempo - modos de articular passado, presente e futuro - e de dar-lhes sentido.³⁸

Porém, a possibilidade de um regime presentista de tempo, implica anteriormente em uma base material e ideológica que o sustente. A conexão entre o período de consolidação da hegemonia neoliberal no ocidente pós-1989, como demonstrado brevemente anteriormente, e o surgimento dos discursos culturais ou historiográficos que reproduzem ou analisam essa ruptura entre o regime moderno de historicidade em direção a algo novo não é produto do mero acaso.

O historiador brasileiro Rodrigo Turin afirma que para compreender como tal discurso se consolida, é necessário compreender para além de como ele se apresenta, não apenas do modo que falamos sobre ou como se enuncia, mas sim como ele opera em nossa subjetividade, ou seja, como aparece na forma de performance na sociabilidade³⁹.

³⁵ MUDROVICIC, María Inés; **Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente** ; Universidad de Zaragoza. Departamento de Historia Moderna y Contemporánea; *Historiografías*; 5; 6-2013; p. 13

³⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, p. 308.

³⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 14.

³⁸HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2013. p. 139.

³⁹TURIN, Rodrigo. Presentismo, Neoliberalismo e os fins da história. In: Ávila, Arthur; Nicolazzi, Fernando; Turin, Rodrigo. **A História (In)disciplinada**. Vitória, Milfontes, p. 252.

E qual seria esse cotidiano? O cotidiano da aceleração, da competição selvagem e do desemprego. Produto da lógica neoliberal de ser. Afinal, diferente do liberalismo clássico, onde a “mão invisível do mercado” e a relação das trocas voluntárias eram a régua máxima da sociedade, o neoliberalismo incorpora ainda mais em seu discurso a noção de concorrência. Enquanto a noção de troca no liberalismo clássico deriva da naturalização do *Homo Economicus*, a concorrência neoliberal se estabelece deslocada da natureza, portanto para além da antropologia, devendo ser feita sua produção e disseminação.⁴⁰

Se não há mais pressupostos antropológicos, agora temos pressupostos ideológicos. Ideologia não como falseamento da realidade, mas como Louis Althusser nos mostra, um produtor dessa realidade, como parte da totalidade do real. São suas representações estruturais e estruturantes que fornecem o embasamento desse tipo de relação.⁴¹ E o resultado já nos era alertado pelo teórico cultural e pensador marxista Fredric Jameson:

Se somos incapazes de unificar o passado, presente da sentença, então somos também incapazes de unificar o passado, o presente e o futuro de nossa própria experiência biográfica, ou de nossa vida psíquica.⁴²

A dominação ideológica neoliberal acaba por “contaminar” a própria percepção de tempo, o que resta é o tempo empresarial acelerado e sufocante, o tempo financeirizado. Se antes no capitalismo fordista se tinha uma noção de carreira dentro de empresas, onde um indivíduo trabalhava normalmente até sua aposentadoria, agora resta a uberização geral da economia. Um exemplo desse efeito é a reforma trabalhista passada pelo governo de Michel Temer no Brasil, onde toda e qualquer garantia de seguridade social para o trabalhador foi “jogada na lata do lixo”, prevendo uma maior “flexibilização” e “dinamização” econômica.

O resultado é o alto índice de informalidade ou mesmo de desemprego observados na atualidade brasileira, um exército industrial de reserva cada vez mais amplo, e “um jogo das cadeiras” em que o trabalhador é lançado para diversas posições de trabalho diferentes sem qualquer garantia social⁴³.

⁴⁰ *Idem*, p. 235.

⁴¹ ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis, Editora Vozes, 1999, p. 163-164

⁴² JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo, Editora Ática, 1997, p. 53.

⁴³ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 63.

[Se] para o desempregado, um tempo cotidiano, sem projetos possíveis, é um tempo sem futuro [...] O desemprego contribui fortemente para o confinamento no presente e para um presentismo, agora penoso e desesperado.⁴⁴

Tal modo que, ainda que Hartog seja cauteloso a indicar, é impossível dissociar a experiência de tempo dos sujeitos à sua condição material de vida, a que forma de acumulação ele está inserido e seu papel dentro do modo de produção dominante de sua sociedade⁴⁵.

Não me refiro aqui a uma visão economicista, mas a uma compreensão de que a materialidade tem seus impactos na produção da subjetividade dos sujeitos, assim como sua subjetividade tem um impacto na própria materialidade que os engloba, não se trata de uma estrutura que acaba por gerar uma superestrutura, mas em uma relação dialética entre o estrutural e o estruturante, intercambiável entre si.

1.3 O realismo capitalista

Esse passado penoso e desesperado anunciado por Hartog tem sua gênese nas próprias políticas e modo de pensar do modelo neoliberal. Ainda que o assunto seja tratado por cima na obra do autor francês, nas entrelinhas e em alguns momentos tal objeto aparece na análise.

Se para Hartog o presentismo vem “para ressaltar os riscos e as consequências de um presente onipresente, onipotente, que se impõe como um único horizonte possível e que valoriza só o imediatismo”⁴⁶, Fisher nos mostra a face desse presente, oculta para Hartog, onde

[a] pobreza fome e guerra podem ser apresentadas como aspectos incontornáveis da realidade, ao passo que a esperança de um dia eliminar tais formas de sofrimento pode ser facilmente representada como um mero utopismo ingênuo⁴⁷

⁴⁴ HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2013, p. 148.

⁴⁵ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 60-61

⁴⁶ HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2013, p. 15.

⁴⁷ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 33.

Esse realismo se insere tão fortemente na subjetividade que a própria lógica cultural se torna aprisionadora, como Jameson nos apresenta. Essa junção de lógica cultural capitalista e semântica neoliberal são os coveiros das utopias e dos possíveis futuros alternativos, que são enterrados juntos com as ruínas do muro de Berlim.

Ainda assim, é possível que esteja aí implicada apenas uma ruptura historicista radical, na qual nós não somos mais capazes de imaginar qualquer tipo de futuro — seja utópico, seja catastrófico. Nesse caso, em que a anteriormente futurista ficção científica (tal como a assim chamada *cyberpunk* em nossos dias) transforma-se em mero “realismo” e, em uma apresentação rematada do presente, a possibilidade [...] é lentamente excluída⁴⁸

Não é à toa que essa virada acontece após 1989, o fim da alternativa do socialismo real pôs em xeque a possibilidade de mudança do real. E o presente volta a ser o tema central das preocupações, não com a preocupação de melhorá-lo tendo em vista um futuro melhor, mas com o temor de que não temos como escapar dele⁴⁹. Afinal “tudo mudou, e o presente encontrou-se marcado pela experiência da crise do futuro, com suas dúvidas sobre o progresso e um porvir percebido como ameaça”⁵⁰. Dessa forma o presente se torna sufocante e se “os prognósticos também são determinados pela necessidade de se esperar alguma coisa”⁵¹. Com o fim de possíveis futuros alternativos, ocorre a imobilização política, não queremos mudanças voltadas para um melhoramento, apenas que não piore.⁵²

Logo, o realismo capitalista pode ser compreendido como essa sensação, esse peso na subjetividade na qual não se é possível pensar nada fora da realidade atual. Se não há alternativa possível para o capitalismo, a própria noção de práxis política é anulada, e a imobilidade que vem dela acaba por apagar as possibilidades alternativas de futuro. Só há capitalismo, só há o presente.

Em função disso ocorre a importância da obra e do conceito de Mark Fisher, o autor inglês não tem “papas na língua”, não é o avanço do *précariedad* que explica a gênese

⁴⁸ JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo, Editora Ática, 1997, p. 292.

⁴⁹ MUDROVIC, Maria Ines; **Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente** ; Universidad de Zaragoza. Departamento de Historia Moderna y Contemporánea; *Historiografías*; 5; 6-2013; p 23.

⁵⁰ HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2013, p. 250.

⁵¹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, 313.

⁵² MUDROVIC, Maria Ines; **Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente** ; Universidad de Zaragoza. Departamento de Historia Moderna y Contemporánea; *Historiografías*; 5; 6-2013; p . 12

presentista, mas a própria lógica estrutural do capitalismo em si. Fisher vai além, para ele o neoliberalismo é por necessidade “realista capitalista”, mas não necessariamente o realismo capitalista seja neoliberal. Em sua essência o realismo capitalista, essa ferramenta de controle de expectativas e de lógica cultural, é consequência do capitalismo no geral, fruto de sua lógica interna de acumulação e reprodução. E mesmo suas formas anteriores, ou posteriores, continuariam a manter elementos desse realismo.⁵³

Daí a importância de pensarmos a noção de ideologia para Althusser, a dominação da subjetividade que gera a superestrutura necessária para a reprodução social do próprio capitalismo⁵⁴. O *realismo capitalista* fala sobre isso, ele é o produto da ideologia na sua mais pura forma de influência. O que é mais estruturante que a anulação de qualquer possibilidade ou alternativa, que não a realidade presente?

Enquanto Althusser nos apresenta os diversos *aparelhos ideológicos de estado* que operam essa ideologia, Fisher nos mostra os efeitos dessa ideologia em um nível tão agudo, que nós mesmos nos tornamos os artífices dessa reprodução inconscientemente.

Vamos tomar como exemplo o sistema educacional, o aparelho central da dominação capitalista industrial para Althusser. A centralidade deriva, para o autor, por ter à sua disposição indivíduos ainda em processo de formação subjetiva e de dispor do maior número de horas por dia para a propagação ideológica e formação para o trabalho. A educação neoliberal aperfeiçoa tal aparato ideológico: voltada para a lógica de prestação de contas ou de auto aperfeiçoamento eterno, balizada pela semântica neoliberal de competição entre tudo e todos, transfere a lógica empresarial para todos os aspectos da vida cotidiana, e a disciplinarização para o trabalho se torna então um processo contínuo.⁵⁵ A lógica educacional se estende para a lógica laboral, e vice-versa, o que sustenta tal relação é a ideia de compreender os indivíduos como empresas. Empresas individuais que operam nas normas da valorização de um novo tipo de capital, o “capital humano”. E essa necessidade de melhoramento acaba por impulsionar para dentro da vida privada dos indivíduos os anseios infundáveis da busca de auto-valorização.⁵⁶

No neoliberalismo as fronteiras entre a vida pública e a vida privada são apagadas. Gerando uma auto regulamentação dos sujeitos, que em conjunto com a financeirização do

⁵³ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 130.

⁵⁴ ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa, Presença, 1980, p. 65

⁵⁵ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 45.

⁵⁶ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 320.

próprio tempo são levados a acreditar que cada segundo tem que ser “produtivo”, O resultado disso é a geração de uma ansiedade generalizada, onde o mínimo de lazer e ócio é tido como tempo jogado fora que poderia ter sido usado para seu “aperfeiçoamento pessoal”.

Logo, realismo capitalista, não se resume a uma ordenação de tempo ou a uma lógica cultural. Mas sim como essa atmosfera abrangente que acaba por ordenar a regulação do trabalho e da educação, uma fronteira intransponível entre realidade e ação.⁵⁷

Dessa forma podemos compreender o *realismo capitalista* como o filho pródigo dessa dominação ideológica, um elemento central para uma nova ordenação do tempo na sociedade. Ele é o resultado da introdução da lógica neoliberal na subjetividade dos sujeitos. Essa lógica entra em choque e produz um novo tipo de temporalidade ou de *regime de historicidade*, se não há alternativa possível, então o futuro sai do jogo. Se aparece é apenas como o exacerbamento de características do presente, nunca como mudança real.

Mas quais os possíveis efeitos dessa nova lógica de tempo na psique dos sujeitos? O que acontece quando somos todos cúmplices internos da cobrança gerencial neoliberal? Se o futuro sai de cena e o presente do neoliberalismo se alarga sufocando a tudo e a todos, onde ficam as perspectivas dos sujeitos, seus sonhos e desejos?

Para tentar responder tais perguntas me parece necessário uma análise sobre as formas históricas de entendimento do sofrimento e como elas mudaram com o novo ordenamento de tempo e pela influência da racionalidade neoliberal, assim como seu papel dentro de tais práticas. Para isso no próximo capítulo irei realizar um balanço da historicidade do termo depressão, hegemônico na sociedade neoliberal para nomear diversas patologias do social que foram reduzidas ao indivíduo. E analisar um texto referência no campo das políticas públicas de saúde mental e a forma como ela é tratada e lida, organizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

⁵⁷ Idem, p.33

2. A saúde mental no realismo capitalista

Para Mark Fisher um dos principais problemas gerados pelo realismo capitalista é seu impacto na subjetividade geral da sociedade, especialmente sobre as questões relacionadas com a saúde mental. Fisher tenta demonstrar o impacto que a semântica e racionalidade neoliberal, apresentadas no capítulo anterior, têm sobre indivíduos com depressão e/ou ansiedade. Sendo ele mesmo um indivíduo neurodivergente é tocante a forma e a sinceridade da qual ele aborda tais assuntos.

Fisher nos mostra que nos últimos anos em que vivemos sob a égide do capitalismo neoliberal e sua racionalidade, transtornos como depressão e ansiedade aumentaram significativamente. Tal processo não se deve simplesmente a uma maior visibilidade ou popularização da psicologia como modo de tratamento, mas sim como resultado de uma *privatização do estresse*: a forma como o sofrimento é internalizado pelo sujeito e como ele é compreendido pela sociedade ao seu redor.⁵⁸ Para o autor, é preciso reformular os pressupostos do problema do estresse e da angústia na sociedade neoliberal.

A própria forma de como são diagnosticados e tratados esses problemas psicológicos são entendidos como o resultado da força devoradora do realismo capitalista. Ocorre uma individualização de tais problemas, relegados unicamente a distúrbios neuroquímicos dos indivíduos ou a heranças genéticas, ignorando dessa forma completamente as possíveis causas sociais do mesmo.⁵⁹

Consequentemente ocorre uma normalização da “epidemia de doença mental” que ocorre nas sociedades capitalistas. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) o número de pessoas com depressão e ansiedade cresce exponencialmente desde o início dos anos 2000⁶⁰, e já se apresenta como uma das maiores causas que afetam a saúde em geral. Apenas no Brasil, em uma pesquisa realizada no ano de 2017 estima-se que cerca de 11 milhões de pessoas vivam com algum tipo de depressão e 18 milhões com algum tipo de transtorno de ansiedade (Imagem 01). Esses números aumentaram de forma alarmante durante a pandemia de COVID-19, em um estudo realizado durante o ano de

⁵⁸ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 37.

⁵⁹ *Idem*, p. 43.

⁶⁰ **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates.** Geneva: World Health Organization; 2017, p. 8

2020 cerca de 40% dos brasileiros se sentiram “tristes ou deprimidos” enquanto 52,9% diziam-se ansiosos.⁶¹

Tais formas de compreensão e tratamento, baseados na individualização e na hipótese neuroquímica, de tais transtornos escondem outra possível causa de tal sofrimento: a própria racionalidade neoliberal. Como um sistema que produz números tão alarmantes de indivíduos sem perspectivas, deprimidos e ansiosos pode ser considerado o único possível? Não seria este um indício de que algo está errado na relação afetiva geral da sociedade? É este o custo para tal sistema “funcionar”?⁶²

O que Fisher, e outros autores que surgirão no decorrer deste capítulo, propõe não é o abandono das práticas terapêuticas e psiquiátricas ou de tratamentos medicamentosos, mas uma compreensão de como esse discurso privatizado e individualizante da depressão e ansiedade mascaram outras causas que escapam unicamente da neuroquímica cerebral. Em especial a causa central para Fisher: o poder social.⁶³

Dessa forma, a depressão na sociedade neoliberal se apresenta como uma resignação, uma

... aceitação de que as coisas vão piorar (para todos, exceto para uma pequena elite), que somos sortudos de ter um emprego (então não devemos esperar que os salários acompanhem a inflação), que não podemos nos dar ao luxo de bancar serviços públicos providos coletivamente.⁶⁴

A questão da temporalidade também retorna aqui, a crise de futuro e o domínio do presente, estruturam e são estruturados por tais sintomas, sendo sintomas e causas dessa compreensão depressiva do mundo. O depressivo muitas vezes tem seu horizonte de expectativa talhado, e seu presente sufocado pela ansiedade. Ao retirar a carga social das causas de tais sintomas, o que resta é a naturalização de uma condição de ressubordinação e imobilidade política.

No decorrer deste capítulo apresentarei primeiramente a historicidade da compreensão do termo “depressão” como aglutinador de qualquer tipo de sofrimento psíquico na psiquiatria contemporânea e outros possíveis entendimentos, em especial sua relação com a economia. Para então tentar compreender como a racionalidade neoliberal

⁶¹ BARROS, Marilisa Berti de Azevedo et al. Report on sadness/depression, nervousness/anxiety and sleep problems in the Brazilian adult population during the COVID-19 pandemic. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, 2020, p. 4.

⁶² FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020, p. 37

⁶³ *Idem*, p. 139.

⁶⁴ *Idem*, p. 141.

produz e se utiliza de tais diagnósticos em seu discurso. Por fim, apresentarei um estudo de caso analisando as formas como as causas e sintomas depressivos são encontrados no relatório mais recente sobre a questão da saúde mental, produzido pela OMS em 2022.

2.1- O surgimento do diagnóstico depressivo.

No início do século XX, com o advento da psicanálise, compreendia-se o sofrimento psíquico como um sintoma oriundo do quadro social. Para o psicanalista austríaco Sigmund Freud, fundador dessa escola e principal balizador das discussões sobre a psique humana até a metade do século XX, o sofrimento deriva do encontro das normas societárias com as inclinações subjetivas do paciente, que entram em conflito gerando assim o “mal-estar”⁶⁵. Assim, o sofrimento é um fato social, é da relação de conflito entre o interno subjetivo e o externo social que decorrem as contradições que são assimiladas pelo indivíduo e se manifestam das mais diversas formas.

Por outro lado, podemos compreender a categoria clínica de depressão no tempo presente como uma gramática aglutinadora de sofrimento psíquico, todo tipo de sofrimento anteriormente compreendido pela psicanálise como neurose acaba se inserindo no guarda-chuva léxico do termo “depressão”. Atualmente a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) apresenta ao

WHO Region of the Americas

COUNTRY	PREVALENCE*				HEALTH LOSS / DISEASE BURDEN**			
	Depressive Disorders		Anxiety Disorders		Depressive Disorders		Anxiety Disorders	
	Total cases	% of population	Total cases	% of population	Total Years Lived with Disability (YLD)	% of total YLD	Total Years Lived with Disability (YLD)	% of total YLD
Antigua and Barbuda	4 424	5,1%	5 327	6,1%	794	9,0%	492	5,6%
Argentina	1 914 354	4,7%	2 542 091	6,3%	340 420	8,5%	235 969	5,9%
Bahamas	19 138	5,2%	22 721	6,2%	3 413	8,7%	2 093	5,4%
Barbados	14 586	5,4%	16 640	6,1%	2 575	8,0%	1 522	4,8%
Belize	14 956	4,4%	19 295	5,7%	2 713	8,9%	1 792	5,9%
Bolivia (Plurinational State of)	453 716	4,4%	565 857	5,4%	82 101	8,6%	52 430	5,5%
Brazil	11 548 577	5,8%	18 657 943	9,3%	2 129 960	10,3%	1 718 833	8,3%
Canada	1 566 903	4,7%	1 652 746	4,9%	261 307	6,9%	161 851	4,0%
Chile	844 253	5,0%	1 100 584	6,5%	149 514	8,8%	102 106	6,0%
Colombia	2 177 280	4,7%	2 691 716	5,8%	388 707	9,4%	250 109	6,0%
Costa Rica	216 608	4,7%	211 997	4,6%	38 445	9,1%	19 684	4,7%
Cuba	605 879	5,5%	675 037	6,1%	107 008	8,8%	62 007	5,1%
Dominican Republic	464 164	4,7%	570 312	5,7%	83 703	9,1%	52 941	5,7%
Ecuador	721 971	4,6%	879 900	5,6%	130 497	9,2%	81 544	5,8%
El Salvador	255 032	4,4%	267 780	4,6%	44 820	8,0%	24 732	4,4%
Grenada	4 848	4,7%	5 910	5,7%	871	8,4%	545	5,2%
Guatemala	580 994	3,7%	652 313	4,2%	102 878	7,5%	60 518	4,4%
Guyana	33 700	4,5%	42 507	5,7%	6 025	8,1%	3 914	5,3%
Haiti	437 639	4,3%	565 920	5,5%	78 379	7,1%	51 941	4,7%
Honduras	308 862	4,0%	335 907	4,3%	55 220	8,6%	31 320	4,9%
Jamaica	134 054	4,8%	159 012	5,7%	23 997	8,5%	14 640	5,2%
Mexico	4 936 614	4,2%	4 281 809	3,6%	866 544	8,6%	399 231	4,0%
Nicaragua	238 161	4,2%	257 009	4,5%	42 494	8,8%	23 978	5,0%
Panama	162 293	4,4%	166 598	4,5%	28 701	8,4%	15 460	4,5%
Paraguay	332 628	5,2%	483 755	7,6%	61 720	10,5%	44 812	7,6%
Peru	1 443 513	4,8%	1 730 005	5,7%	261 997	9,7%	160 659	5,9%
Saint Lucia	8 892	4,9%	10 640	5,9%	1 591	8,6%	981	5,3%
Saint Vincent and the Grenadines	5 144	4,9%	6 187	5,8%	918	8,4%	570	5,2%
Suriname	24 914	4,8%	30 273	5,8%	4 460	8,6%	2 797	5,4%
Trinidad and Tobago	67 614	5,2%	79 574	6,1%	12 023	8,3%	7 302	5,0%
United States of America	17 491 047	5,9%	18 711 966	6,3%	3 088 893	8,4%	1 709 258	4,6%
Uruguay	158 005	5,0%	203 915	6,4%	27 816	8,2%	18 881	5,6%
Venezuela (Bolivarian Republic of)	1 270 099	4,2%	1 322 024	4,4%	222 271	7,5%	121 610	4,1%

Imagem 01: Prevalência de desordens de ansiedade e depressivas na região das Américas. Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates. Geneva: World Health Organization; 2017, p. 18

⁶⁵ FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 31.

menos 11 tipos de depressões “uma selva de quadros, muitos deles definidos recursivamente pela negação de outros, ao modo de uma carta de vinhos”⁶⁶ e como se não bastasse

(...)há ainda condições “curingas” que podem ser especialmente adequadas para seu caso, como o transtorno depressivo ligado a outra condição médica (CID IX 293.83), ou o incrível outro transtorno depressivo (311 — F32.8) e o ainda mais abrangente transtorno depressivo não especificado (311 — F32.9). Se ainda assim você está em dúvida se é um depressivo ou não, perceba que você pode estar em um dos sete subtipos disponíveis: leve, moderado, severo, com aspecto psicótico, com remissão parcial, com remissão completa ou ainda e depois de tudo... inespecífico.⁶⁷

E não é por acaso que com o período de formação hegemônica do neoliberalismo que tal gramática foi tomando força e se instaurou. Com a racionalidade neoliberal e com o fortalecimento da semântica do mesmo, o sofrimento passa a ser individualizado e internalizado completamente, daí o surgimento dos mais diversos diagnósticos depressivos. Esses diagnósticos são influenciados pela passagem da compreensão do sofrimento como fato social para o sofrimento como uma desordem puramente bioquímica.

No final da década de 1970 com a publicação da terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III)⁶⁸ que a psiquiatria irá adotar por completo a utilização de tal termo como fonte principal de diagnósticos e de análise sintomática. Nestes termos, a depressão é descrita como uma modificação dos afetos, a dominação de sentimentos ligados à tristeza de forma tão intensa e contínua que impacta no funcionamento do indivíduo⁶⁹. Dessa forma, a partir da década de 1980, a noção de neurose desaparece dos principais manuais sobre transtornos mentais, e com ela sua carga social, e a depressão toma posição central no âmbito das patologias psicológicas.

Curiosamente, o termo “depressão” já havia feito sua aparição no âmbito econômico. Desde a crise de 1929, operadores políticos e economistas já inseriram em seu

⁶⁶ DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 193.

⁶⁷ *Idem*, p. 193.

⁶⁸ SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 34.

⁶⁹ *Idem*, p. 41.

léxico tal termo para descrever os períodos de crises do capital⁷⁰. O movimento da economia assim teria suas fases de crescimento e acumulação, porém quando entrasse em recessão profunda, se transformaria em uma depressão.

Essa criação de um discurso híbrido entre economia e psicologia como fundamento para os regimes de gestão social implicou a reconfiguração completa do que poderíamos chamar de “gramática do sofrimento psíquico”. Pois, para serem realmente internalizadas, tais disposições de conduta não deveriam ser apenas ideais normativos. Elas deveriam também reconfigurar nossa forma de compreender e classificar os processos de sofrimento.⁷¹

Tal como um capital em crise, o indivíduo é compreendido como um ente não plenamente funcional. A transposição da lógica de mercado neoliberal então invade a lógica de compreensão de sofrimento, e assim como suas medidas de austeridade que buscam recolocar a economia nos trilhos, a compreensão neoliberal do sofrimento passa para uma noção de gestão individual: o indivíduo ignorando as possíveis causas estruturais do seu sofrimento é relegado a apenas se normalizar por meio de medicamentos ou de “mudanças de perspectivas” para continuar o seu funcionamento econômico e de consumo.

Sendo assim, essa forma de compreensão do sofrimento se torna um arcabouço discursivo necessário para a propagação do modo de vida neoliberal. O diagnóstico depressivo dominante na psiquiatria do tempo presente opera como um balizador das normas e formas de sofrer dentro da racionalidade neoliberal. Se tornando central para o para o funcionamento do sistema e a propagação de sua hegemonia.

2.2- Gestão de sofrimento psíquico e gestão de futuro.

Se o neoliberalismo busca uma internalização do seu *ethos*, da sua racionalidade e por conseguinte da dominação semântica da subjetividade dos indivíduos como forma de controle ideológico e hegemônico; então podemos compreendê-lo como sistema de

⁷⁰ DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 178.

⁷¹ SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 33;

governo e gestão social das subjetividades. E um dos aspectos dessa gestão social das subjetividades é a gestão do próprio sofrimento⁷².

O manual DSM-III surge para balizar normativamente a compreensão de sofrimento psíquico de acordo com a semântica neoliberal de individualização patológica. O sofrimento sai do escopo da análise social e passa a ser um pressuposto bioquímico individualizado. Ocorre a biologização da psiquiatria e da clínica, assim a desordem interna é a explicação para as contradições que anteriormente eram compreendidas na sociabilidade.

Essa nova semântica neoliberal “individualiza o fracasso, na forma da culpa, sem interiorizá-lo na forma de conflitos”.⁷³ O único conflito derivado é do indivíduo com ele mesmo, na forma de cobrança demasiada, afinal a lógica mercadológica do capital já faz parte da sua subjetividade pela ideologia. Dessa forma o sofrimento é desvinculado da sua carga política⁷⁴, resulta assim na inanição política da auto-cobrança policialesca do indivíduo. Essa auto-cobrança, ou nos termos neoliberais: autogerenciamento, acaba psicologizando as dificuldades no ambiente de trabalho e das trocas afetivas como um problema individualizado, ao passo em que naturaliza as condições materiais necessárias para o surgimento desses sofrimentos. Assim, a racionalidade neoliberal entra em seu ciclo vicioso de dominação retórica e subjetiva.

A hegemonia depressiva nos quadros de patologias psíquicas só pode então surgir baseada em um arcabouço discursivo e de práticas que são a base do modelo disciplinar neoliberal: a individualização extrema e a ênfase na performance visando a maximização dos lucros.

Logo, a psiquiatria passa de uma função terapêutica para se transformar em um processo de aprimoramento pessoal⁷⁵, daí a infinidade de *coaches* que surgem em todos cantos nas redes sociais. Essa é uma consequência derivada da expansão da forma-mercadoria do capitalismo para todos os aspectos da vida social dos sujeitos nela

⁷² Aqui me inspiro no filósofo Vladimir Safatle e o psicanalista Christian Dunker, em conjunto com membros do Laboratório de Pesquisas em Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (Latesfip) da Universidade Federal de São Paulo (USP) que denominam o neoliberalismo como um modelo de gestão do sofrimento psíquico.

⁷³ DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 191.

⁷⁴ NEVES, Antonio et al. A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos de aprimoramentos de si. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 144.

⁷⁵ *Idem*, p. 127.

inseridos, a assimilação da totalidade da sociedade dentro da lógica mercadológica e de competição.

Um exemplo da angústia de tal lógica é a alta prevalência de transtornos de ansiedade concomitantemente com transtornos depressivos⁷⁶. Uma das características centrais dos transtornos de ansiedade se revela na forma de preocupações excessivas, que interferem negativamente nas tarefas consideradas necessárias para o indivíduo⁷⁷. Tais transtornos são o grupo de doenças mais comuns no Brasil e o país ocupa a quarta posição mundial em questão de taxas de ansiedade⁷⁸, causas de preocupação mais comum são 50% relacionadas com a vida econômica e 43% relacionadas com o trabalho em si⁷⁹. Tais dados são agravados em indivíduos marcados por outros recortes sociais, com gênero, raça e situação de vulnerabilidade. Sendo a depressão e ansiedade muito mais comuns em mulheres, indivíduos racializados e pobres.⁸⁰

Essa racionalidade funciona pois, demonstra uma fração do real, ela tem sentido dentro das angústias do indivíduo deprimido. A angústia gerada pela instabilidade laboral, a pressão do presente, descrença de melhora e a internalização do fracasso são sintomas preponderantes da forma de ver do depressivo e do ansioso. E o remédio de fácil acesso dado pelos arautos do neoliberalismo soam como um canto de sereia para indivíduos sem perspectiva alguma.

Essa individualização da culpa se tornou o novo normal nas sociedades neoliberais e sua forma hegemônica de expressão de sofrimento⁸¹. E essa individualização da culpa e do sofrimento tem aspectos mais subjetivos, como por exemplo na própria percepção temporal.

Segundo a psicanalista Maria Rita Kehl

⁷⁶ MANGOLINI, Vitor Iglesias; ANDRADE, Laura Helena; WANG, Yuan-Pang. Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil: uma revisão de literatura. **Revista de Medicina**, v. 98, n. 6, 2019, p. 418.

⁷⁷ DA SILVA MENEZES, Ana Karla; DE MOURA, Lorena Fleury; MAFRA, Vanderson Ramos. Transtorno de ansiedade generalizada: uma revisão da literatura e dados epidemiológicos. **AMAZÔNIA: SCIENCE & HEALTH**, v. 5, n. 3, 2017, p. 44.

⁷⁸ MANGOLINI, Vitor Iglesias; ANDRADE, Laura Helena; WANG, Yuan-Pang. Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil: uma revisão de literatura. **Revista de Medicina**, v. 98, n. 6, 2019, p. 419-420.

⁷⁹ DA SILVA MENEZES, Ana Karla; DE MOURA, Lorena Fleury; MAFRA, Vanderson Ramos. Transtorno de ansiedade generalizada: uma revisão da literatura e dados epidemiológicos. **AMAZÔNIA: SCIENCE & HEALTH**, v. 5, n. 3, 2017, p. 45.

⁸⁰ SANTOS, Marcelo Justus dos; KASSOUF, Ana Lúcia. Uma investigação dos determinantes socioeconômicos da depressão mental no Brasil com ênfase nos efeitos da educação. **Economia aplicada**, v. 11, 2007, p. 14.

⁸¹ DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: Planeta, 2021, p. 80.

encontramos frequentemente, entre os depressivos, transtornos na percepção temporal revelados por aqueles que sentem que o tempo cotidiano, sem a sustentação de uma fantasia a respeito do futuro, tornou-se um tempo estagnado, um tempo que não passa.⁸²

Nesse sentido, a condição do deprimido parece levar ao fechamento de futuro, a anulação do devir, o encerramento do *horizonte de expectativa*. Os sujeitos são levados a abandonar a fantasia do futuro, e se contentar com as migalhas do presente. Restando apenas os objetos de desejo perpetuados pelo capitalismo, o consumo imediato e irrefreável. Afinal, o que nos faz imaginar um futuro possível é a fantasia ou um desejo de que algo melhor ou prazeroso há de acontecer⁸³. A racionalidade neoliberal e o realismo capitalista põe um fim nessa possibilidade, o prazer se limita ao presente incorporado no consumo e a melhoria nos é negada pelo realismo sufocante ou a depressão. Dessa forma, o tempo é estagnado no presente, na lógica de consumo do neoliberalismo e no tempo financeirizado do capital, o que conta é o consumo no agora e a auto-valorização mais rápida possível.

2.3- Estudo de caso - o relatório da OMS sobre saúde mental (2022)

No dia 17 de junho de 2022 a OMS divulgou seu mais recente relatório sobre a questão da saúde mental. Tal documento é a mais ampla revisão mundial sobre o assunto desde a virada do século e provavelmente nos próximos anos irá influenciar as discussões médicas sobre o tema no mundo inteiro. Possuindo 296 páginas o documento foi assinado e referendado por todos os países membros da organização e possui a contribuição de analistas de mais de 20 universidades diferentes e diversos membros da sociedade civil.

O documento se subdivide em oito capítulos, cada um abordando aspectos diferentes da compreensão de diversas patologias relacionadas à saúde mental, indicativos de mudanças nos tratamentos necessários e motivações para a revisão da forma como são encaradas tais patologias. Na presente pesquisa, darei atenção às partes relacionadas à depressão e ansiedade, procurando também compreender a linguagem geral que o documento apresenta sobre saúde mental.

A nova lógica proposta de compreensão sobre saúde mental nos é apresentada logo em seu prefácio, pelo diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus. A noção de

⁸² KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 57.

⁸³ *Idem*, p. 230

saúde mental é colocada como uma “parte intrínseca da saúde e bem estar individual e coletivo”⁸⁴ e seu tratamento se torna um imperativo para a “preservação da dignidade das pessoas e o avanço do desenvolvimento de nossas comunidades e sociedade”⁸⁵.

Este prefácio inicial segue uma linha de uma noção mais humanitária sobre a saúde mental, logo em sua sequência já é posto que entre as principais ameaças hoje em dia são “desacelerações econômicas e polarização social; emergências de saúde pública; emergências humanitárias e deslocamentos forçados; e a crescente crise climática”⁸⁶. Demonstrando uma preocupação com questões sociais que interferem diretamente em uma saúde mental debilitada. Porém não demora para aparecer no texto termos e compreensões do discurso neoliberal dominante, apenas uma página após a citação anterior, a discussão já adentra nos gastos econômicos que tais doenças causam. O texto chega a ranquear doenças como mais ou menos custosas, depressão e ansiedade por exemplo são: “muito menos custosas por pessoa; mas são mais prevalentes, logo contribuem majoritariamente para os gastos nacionais.”⁸⁷

A composição segue enfatizando os aspectos negativos causados por uma má qualidade de saúde mental para a economia. Segundo os autores investir em saúde mental é um aspecto fundamental para o desenvolvimento econômico, visto que uma saúde mental debilitada põe freios em tal desenvolvimento por causa da redução de produtividade⁸⁸. O retorno financeiro chega a ser valorado, afinal “a ampliação do tratamento para depressão e ansiedade fornece uma relação custo-benefício de 5 para 1”⁸⁹.

O prefácio segue para sua conclusão na mesma lógica contraditória, se por um lado clama por igualdade de oportunidades para pessoas com desordens mentais, o motivo por trás de tal anseio é o mote central da razão neoliberal: o impacto negativo nos ganhos de produtividade.

⁸⁴ “[...]it is an intrinsic part of our individual and collective health and well-being”. GHEBREYESUS, Tedros Adhanom. Foreword. In: **World mental health report: transforming mental health for all**. Geneva: World Health Organization; 2022, p. VI. Visto que o documento não possui uma versão em português todas as citações decorrentes durante a presente análise serão traduzidas do original em inglês pelo autor que vos escreve, e suas contrapartes originais serão inseridas em notas de rodapé com a devida citação de obra e página.

⁸⁵ “[...] preserve people’s dignity and advance the development of our communities and societies.” **World mental health report: transforming mental health for all**. Geneva: World Health Organization; 2022, p. VI.

⁸⁶ “key threats today include: economic downturns and social polarization; public health emergencies; widespread humanitarian emergencies and forced displacement; and the growing climate crisis.” *Idem*, p. XIV.

⁸⁷ “Depressive and anxiety disorders are much less costly per person; but they are more prevalent, and so majorly contribute to overall national costs”. *Idem*, p. XV.

⁸⁸ *Idem*, p. XVI.

⁸⁹ “Scaling up treatment for depression and anxiety provides a benefit–cost ratio of 5 to 1”. *Idem*, p. XVI.

No capítulo 1, de caráter introdutório, nos é apresentado um panorama geral do estado da compreensão sobre saúde mental no mundo desde 2001, ano do último grande relatório. É reconhecida a maior importância dada às questões de saúde mental por líderes e pela população em geral em diversos países e é comentado que avanços tecnológicos nos permitiram compreender melhor a epidemiologia de diversas doenças. Porém “para a maioria do mundo, a abordagem para com a saúde mental segue *business as usual*”⁹⁰ como resultado disso diversas pessoas com essas condições não são tratadas adequadamente.

O capítulo segue seu fechamento defendendo uma noção estrutural para a causalidade de diversas desordens mentais, compreende que globalmente mulheres e jovens sofreram maior impacto psíquico na pandemia de COVID-19 e ressalta a vulnerabilidade de prisioneiros, migrantes forçados e vítimas de violência doméstica. Curiosamente, a estrutura causadora de tais problemas segue como um ente transcendental e inominável.

No capítulo 2 a discussão segue para a definição dos conceitos sobre saúde mental, suas mudanças na forma de experimentação segundo a posição social do indivíduo e, segundo o relatório, causas e agravantes dos problemas relacionados. Suas primeiras páginas são direcionadas a defesa do valor intrínseco que a saúde mental tem para os indivíduos, suas importância central como balizador de diversos outros aspectos da vida como saúde física e habilidade social. Na sequência nos é apresentada a noção de saúde mental como uma existência contínua e não binária, não sendo como algo que se tem ou não. Mas sim uma variedade de potências, formas de percepção e durações. O exemplo que nos é dado é de que “a qualquer momento, uma combinação de

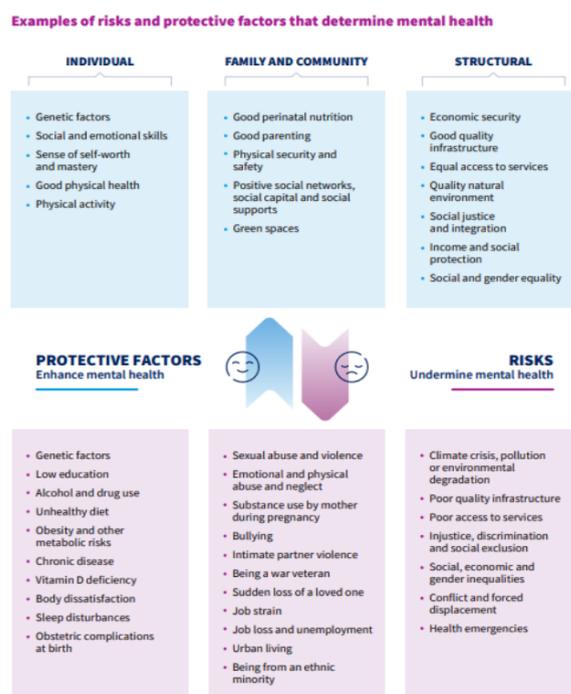


Imagem 02: Riscos e fatores protetivos determinantes para saúde mental World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: World Health Organization; 2022 p.21

⁹⁰ “For most of the world, the approach to mental health care remains very much business as usual”. *Idem*, p. 5. Mantenho por opção o termo “*business as usual*” no seu original, apesar de pecar na compreensão geral, é o único termo até o momento da obra que foge das tecnicidades normais da obra. Curiosamente no âmbito discursivo se encaixa perfeitamente na noção híbrida de economia e psicologia que abordei anteriormente neste capítulo, o tratamento da saúde mental de fato é um “*business*”, um negócio a ser defendido no seguimento da obra.

fatores individuais, sociais ou estruturais podem nos proteger ou enfraquecer nossa saúde mental e mudar nossa posição em tal *continuum*⁹¹.

Mas quais são tais combinações? A obra tem uma ênfase nos aspectos da vida laboral: o desemprego é compreendido como um fator de risco para o suicídio e ambientes negativos de trabalho são impulsionadores de depressão e ansiedade⁹². Nas páginas que se seguem do texto novamente é reforçada a ideia de que “problemas relacionados a saúde mental são fruto de uma junção entre vulnerabilidades individuais e o estresse causado por acontecimentos da vida e estressores crônicos”⁹³.

Porém, logo após a carga biologizante aparece, as “vulnerabilidades individuais” anteriormente citadas são entendidas como uma carga genética ou frutos de abuso de “cannabis de alta potência”⁹⁴. Quando são referidos os problemas estruturais que influenciam em conjunto as condições individuais preexistentes, estes são exemplificados como ambientes socioculturais e geopolíticos como infraestrutura, desigualdade e estabilidade social⁹⁵. Inclusive o tema de fardos históricos são mencionados como as “heranças históricas do colonialismo”⁹⁶ que são colocadas lado a lado com problemas ecológicos e climáticos, curiosamente sem menção de relação alguma entre elas. Esses fatores seriam condições centrais para os problemas sobre saúde mental, porém não os únicos: segundo os autores, os indivíduos não podem ser limitados apenas aos determinantes biológicos e sociais, mas também que esses mesmos teriam agência e fatores individuais psicológicos próprios afinal “pessoas têm escolhas e alguma agência sobre sua existência, mesmo que tais escolhas possam ser muito limitadas para pessoas vivendo em adversidade extrema”(Imagem 02).⁹⁷

Novamente os problemas sociais aparecem descolados da materialidade que os causa, ainda que no decorrer do capítulos os indivíduos que de fato são os mais afetados são nomeados como grupos marginalizados: desempregados, prostitutas, sem-teto, refugiados, minorias sexuais e indígenas. E o principal problema elencado destes

⁹¹ “At any one time, a diverse set of individual, social and structural factors may combine to protect or undermine our mental health and shift our position on the mental health continuum” *Idem*, p. 14.

⁹² *Idem*, p. 14.

⁹³ “Mental health conditions result from the interaction between an individual’s vulnerability and the stress caused by life events and chronic stressors” . *Idem*, p. 19.

⁹⁴ “high potency cannabis use”. *Idem*, p. 19. Ainda que existam estudos que relacionem o abuso de cannabis e alguns surtos psicóticos ou esquizofrênicos, a colocação aqui é relacionada a problemas de saúde mental de forma geral.

⁹⁵ *Idem*, p. 20.

⁹⁶ *Idem*, p. 20.

⁹⁷ “[...] people have choices and some agency over their existence, even if such choices can be very limited for people living in extreme adversity”. *Idem*, p. 20.

indivíduos é sua maior dificuldade de acesso aos serviços de saúde que necessitam⁹⁸. A noção de "marginalizado" aparece como um fato dado, afinal é assim que o é, é o realismo em ação. Por fim nos é apresentado o “ciclo vicioso de desvantagem” (Imagem 03) onde novamente o aspecto econômico é central, onde a pobreza e problemas com a saúde mental

The vicious cycle between poverty and mental ill-health exacerbates mental health conditions



Imagem 03: Ciclo vicioso entre pobreza e problemas relacionados à saúde mental. World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: World Health Organization; 2022, p. 23

operam de forma conjunta que acabam por manter na mesma situação ambas as partes, econômica e psíquica. Nos é dado o exemplo da crise financeira de 2008 nos Estados Unidos da América onde “doenças de desespero” aumentaram entre a população

economicamente ativa⁹⁹ gerando um aumento nos suicídios e mortes relacionadas a abuso de substâncias.

O capítulo 2 se encerra com um comentário sobre ansiedades em jovens relacionado à perspectivas de crises climáticas¹⁰⁰. Estes dois exemplos operam em relação direta com a noção de realismo capitalista, os efeitos materiais da ganância neoliberal, como a crise financeira e a crise climática são produtos da razão neoliberal que impactam diretamente na vida material e perspectiva de futuro da sociedade, principalmente jovens.

O terceiro capítulo da obra inicia com um panorama sobre os números atualizados do ano de 2019, onde nos é demonstrado que ao todo 970 milhões de pessoas no mundo vivem com algum tipo de desordem mental . A porcentagem sobre ansiedade e depressão são alarmantes, somando ao todo mais de metade desta amostra (Imagem 04).

⁹⁸ *Idem*, p. 20.

⁹⁹ “deaths of despair rose among the working age population”. *Idem*, p. 26.

¹⁰⁰ *Idem*, p. 34.

O capítulo segue demonstrando que os recortes de gênero tem grande influência nas questões de saúde mental, sendo mulheres mais propensas a terem problemas de ansiedade e depressão, a única explicação apresentada é a prevalência de depressão e ansiedade em mulheres que sofreram abusos sexuais ou violência de seus parceiros.¹⁰¹

Então chegamos ao subcapítulo onde a razão neoliberal apresenta em sua forma mais crua: o de custos econômicos relacionados à saúde mental. O problema central nos é apresentado logo no início, os impacto nas finanças da sociedade das doenças mentais são então apresentados:

Esses custos podem ser significativos para a sociedade, muitas vezes ultrapassando os gastos com assistência médica. Pesquisadores do Fórum Econômico Mundial calcularam que um conjunto amplamente definido de condições de saúde mental custou à economia mundial aproximadamente 2.5 trilhões de dólares em 2010, combinando perda de produtividade econômica (1.7 trilhões de dólares) e custos diretos de tratamento (0.8 trilhões de dólares). Esse custo total é projetado para aumentar para 6 trilhões de dólares até o ano de 2030 em conjunto com aumento de gastos sociais.¹⁰²

A linguagem e racionalidade neoliberal então se desnuda, o discurso até então

The global prevalence of mental disorders in 2019

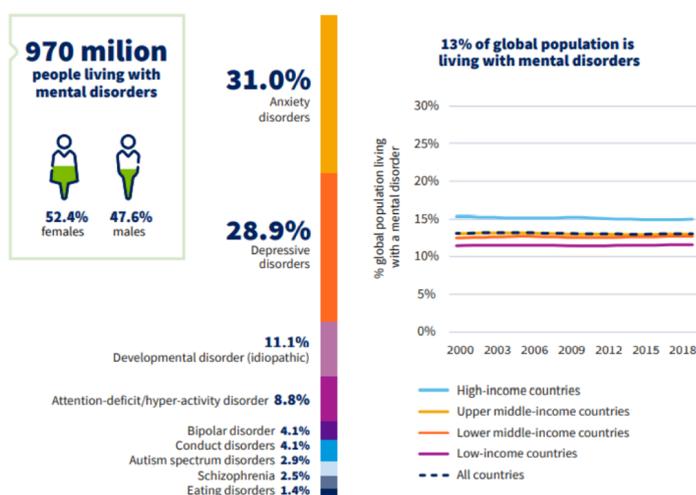


Imagem 04: Quadro geral de prevalência de desordens mentais no ano de 2019. World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: World Health Organization; 2022, p. 40

humanizado, ainda que limitadamente, aqui se transforma na planilha do Fórum Econômico Mundial sediado em Davos na Suíça. Como típico da racionalidade neoliberal sujeitos são transformados em cifras, para assim poderem serem melhor “compreendidos”.

O ranqueamento de problemas mentais mais custosos citado no prefácio agora ressurgiu para fortalecer o argumento

econômico, e a depressão e ansiedade acabam por ser as que mais impactam nas perdas de produtividade da economia mundial, parabéns vencedores.

¹⁰¹ *Idem*, p. 43

¹⁰² *Idem*, p. 50.

Na sequência do capítulo são analisadas as disparidades entre os sistemas de saúde do mundo inteiro, com ênfase na importância de envio de relatórios para a OMS e adesão às políticas e planos debatidos. As maiores diferenças são então elencadas em 4 categorias: governança, recursos, serviços, informação e tecnologias¹⁰³. E os países mais ricos são considerados os que melhor cumprem tais metas. Essas disparidades são essenciais para o seguimento no próximo capítulo.

No capítulo 4 são elencados os benefícios decorrentes da aplicação da noção de tratamento de saúde mental que foi apresentada na obra até o momento, bem como mais alguns indicativos de como se deve operar em tal área. O texto do capítulo se inicia com uma defesa da saúde pública e da defesa da equidade de tratamento, o setor privado é criticado pois “despesas diretas do próprio bolso são uma forma injusta de pagar pelos cuidados de saúde, uma vez que as famílias mais pobres acabam pagando um valor proporcionalmente maior de sua renda disponível”¹⁰⁴. Motes como saúde mental para todos, de defesa da saúde mental, e tratamento com um direito humano básico e essencial ditam a primeira metade do capítulo.

Porém, novamente temos um sub-capítulo inteiro dedicado aos impactos econômicos, dessa vez das vantagens econômicas de se tratar a saúde mental. A noção de perda de produtividade, freio de desenvolvimento e de formação de um ciclo vicioso de pobreza são reforçadas¹⁰⁵. Ao passo em que é colocado a disparidade econômica é uma causa central para os problemas. Esse discurso contraditório irá seguir durante todo o sub-capítulo. Enquanto ocorre uma defesa do tratamento da saúde mental para melhorar a condição de vida dos sujeitos, tal defesa é novamente referendada por um possível aumento da produtividade. O texto segue enunciando o problema da perda de emprego da pessoas com desordens mentais afinal

as perdas de trabalho não afetam apenas a possibilidades individuais e familiares de se manter, mas também contribuem para aumento dos custos sociais por meio do aumento do desemprego e de necessidades de assistência social, perda de produtividade, acidentes de trabalho e redução da receita tributária¹⁰⁶

¹⁰³ *Idem*, p. 52

¹⁰⁴ “Direct out-of-pocket spending is an unfair way of paying for health care since poorer households end up paying a proportionately greater amount of their available income”. *Idem*, p. 77.

¹⁰⁵ *Idem*, p. 97.

¹⁰⁶ “Work losses not only affect individual and household abilities to earn a living but also contribute to wider societal costs through increased unemployment and welfare needs, lost productivity, workplace accidents and reduced taxation revenue”. *Idem*, p. 99.

O problema do desemprego, ou de faltas ao ambiente de trabalho reaparece e é valorado “12 bilhões de dias de trabalho são perdidos todo ano por causa da depressão e da ansiedade”¹⁰⁷. A sobreposição da lógica de mercado continua, ao anunciar um estudo global que demonstrou que o aumento de cobertura de tratamento entre 2016 até 2030 poderia assegurar “43 milhões de dias saudáveis a mais, em um valor de 310 bilhões de dólares, e gerar mais 399 bilhões de dólares em ganhos de produtividade.”¹⁰⁸ Dessa forma, novamente aparece a noção de valoração em dólares das vidas das pessoas, um discurso amplamente escorado em uma lógica neoliberal de racionalidade. (Imagem 05).

Seguimos então para o quinto capítulo, intitulado “Fundações para a mudança”¹⁰⁹ o texto em planos e políticas públicas que os entes públicos devem seguir para implementar a nova compreensão de saúde mental defendida até o momento. No âmbito discursivo, a mesma lógica dos capítulos anteriores segue, com ênfase na alocação de recursos pelos países para a promoção e promoção da visibilidade dos problemas relacionados à saúde mental.¹¹⁰ O caráter público das ações é reforçado, ao mesmo tempo em que ocorre uma divisão da responsabilidade entre os Estados e o indivíduo, este responsável pela



Imagem 05: Retorno financeiro do investimento em tratamento de depressão e ansiedade (razão custo-benefício). World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: World Health Organization; 2022, p. 101

divulgação de suas experiências como portador de alguma desordem psíquica¹¹¹.

O subcapítulo intitulado “Janelas de oportunidade” chamou particularmente a atenção deste que vos escreve”¹¹². Nessa seção, ocorre a defesa de um certo tipo de dinamismo e de adaptabilidade das sociedades ao se depararem com situações adversas das quais podem ser proveitosas para a promoção da saúde mental. Aqui aparece a noção contraditória de que “emergências

¹⁰⁷ “12 billion work days are lost every year to depression and anxiety”. *Idem*, p. 99.

¹⁰⁸ “43 million extra years of healthy life, at a value of US\$ 310 billion, and generate a further US\$ 399 billion in productivity gains”. *Idem*, p.101.

¹⁰⁹ “Foundations for change”. *Idem*, p. 103.

¹¹⁰ *Idem*, p. 108

¹¹¹ *Idem*, p. 117.

¹¹² “Windows of opportunity”. *Idem*, p. 119.

humanitárias derivadas de desastres naturais e conflitos, apesar de sua natureza trágica e de efeitos adversos na saúde mental, oferecem plataformas inigualáveis para a mudança”¹¹³.

Os dois casos apresentados com os exemplos a serem seguidos chegam a ser risíveis, relacionando duas tragédias causadas pelo imperialismo, e suas consequências, como positivos no âmbito da promoção da saúde mental

Na Síria, por exemplo, antes do conflito, quase não havia atendimento de saúde mental fora dos hospitais psiquiátricos de Aleppo e Damasco. Agora, graças a um crescente reconhecimento da necessidade de apoio e ao aumento da ajuda humanitária, a saúde mental e o apoio psicossocial foram introduzidos em unidades de saúde primárias e secundárias, em centros comunitários e para mulheres e em programas escolares. Hoje, apesar do conflito em curso, pelo menos um em cada quatro centros de saúde em funcionamento na Síria tem uma pessoa treinada em saúde mental, que é supervisionada e trabalha dentro de um sistema para fornecer cuidados de saúde mental¹¹⁴

Ainda bem que a agressão estrangeira de países como Estados Unidos da América, França, Israel, Arábia Saudita e Turquia bombardearam as duas maiores cidades sírias, incapacitando o funcionamento de seus dois maiores hospitais. Afinal, isso deu abertura para mudanças em direção a um tratamento mais “humanitário”. O cinismo chega a ser escandaloso, um conflito que já gerou mais de 500 mil mortes e proporcionou o fortalecimento de grupos como o auto-intitulado Estado Islâmico é tomado como exemplo de “janela de oportunidade”.

O outro exemplo que nos é dado é um no leste europeu em decorrência da crise de refugiados causada pela agressão das potências ocidentais.

na Albânia, a crise de 1999 dos refugiados do Kosovo criou um interesse pela saúde mental e um apetite – apoiado por finanças – pela reforma da saúde mental. Um novo plano de saúde mental foi aprovado e os serviços foram descentralizados de um sistema de atendimento

¹¹³ “Humanitarian emergencies arising from natural disasters and conflict, despite their tragic nature and adverse effects on mental health, offer unparalleled platforms for change.”. *Idem*, p. 119.

¹¹⁴ “In Syria, for example, before the conflict, there was scarcely any mental health care available outside the psychiatric hospitals in Aleppo and Damascus. Now, thanks to a growing recognition of the need for support, and increasing humanitarian aid, mental health and psychosocial support has been introduced in primary and secondary health facilities, in community and women’s centers, and in school-based programmes. Today, despite the ongoing conflict, at least one of every four functioning general health care facilities in Syria has one person trained in mental health, who is supervised and works within a system to provide mental health care”. *Idem*, p. 119.

exclusivamente hospitalar e biologicamente orientado para uma ampla gama de serviços baseados na comunidade.¹¹⁵

Infelizmente o documento não nos apresenta dados da Líbia e seus mercados de escravizados a céu aberto em Trípoli, talvez seu governo carece de dinamismo e de mente empreendedora para responder suas intervenções estrangeiras com uma mudança louvável em tratamento de saúde mental.

O sexto capítulo segue com indicações de estratégias de promoção e prevenção necessárias para a “mudança da saúde mental”. Para além de tecnicidades que se repetem, como intervenções estatais necessárias e, novamente, exemplos de boa prática financeira ao redor do globo. A novidade deste capítulo é sua noção, ampla e confusa, de “Capital humano”, “Capital social” e “Mudanças estruturais”.

Em um claro exemplo de introdução da gramática neoliberal a junção destes 3 fatores seriam essenciais para a criação de um ambiente solidário de saúde mental. O capital humano seria então as competências do aspecto “físico, emocional, habilidades cognitivas e comportamentos que possam arrefecer o estresse e contribuir para a resiliência individual, aptidão e controle”¹¹⁶, ou seja, a capacidade de autogerenciamento dos indivíduos.

O capital social por sua vez compreenderia “normas, redes e instituições que melhoram as relações familiares, criam oportunidades para aprender, trabalhar e construir confiança, coesão e cooperação para o benefício mútuo”¹¹⁷, assim sendo a rede de sociabilidade da qual os indivíduos pertencem. Por outro lado, as mudanças estruturais, como era de se esperar, é introduzida como uma gama de jargões vagos e sem materialidade concreta, afinal são “fatores amplos e características da vida diária e condições de trabalho que melhoram a capacidade da comunidade para o bem-estar”¹¹⁸.

A promoção destes três fatores seriam então essenciais para o fortalecimento da saúde mental (Imagem 06). O capital humano seria central para “lidar com o estresse e adversidade”¹¹⁹ e impulsionar o empoderamento dos indivíduos. O capital social

¹¹⁵ “(...)in Albania, the 1999 crisis of refugees from Kosovo1 created an interest in mental health and an appetite – backed with finances – for mental health reform. A new mental health plan was approved and services were decentralized from a hospital-only and biologically-oriented system of care to a wide range of community-based services”. *Idem*, p. 121.

¹¹⁶ “Physical, emotional and cognitive skills and behaviours that buffer stress and contribute to individual resilience, capability and control.” *Idem*, p. 150.

¹¹⁷ “Norms, networks and institutions that enhance family relations, create opportunities to work and learn and build community trust, cohesion and cooperation for mutual benefit.” *Idem*, p. 150.

¹¹⁸ “Broad factors and features of daily living and working conditions that enhance community capacity for wellbeing.” *Idem*, p. 150.

¹¹⁹ “[...]to deal with stress and adversity...” *Idem*, p. 152.

desaparece do resto do capítulo, enquanto as mudanças estruturais são elencadas: em ações direcionadas para reduzir a insegurança financeira, pobreza e desigualdades; para garantir acesso ao mercado de trabalho; acesso à educação; melhoria das moradias e meios de proteção contra a discriminação.

Posteriormente, o texto elenca a prevenção ao suicídio como uma das prioridades a serem trabalhadas, indicando que apesar de ocorrer uma queda de 10% nas taxas de

mortalidade relacionadas desde 2013 atitudes ainda devem ser tomadas¹²⁰. Em especial a limitação dos meios utilizados para tal ato, com ênfase no banimento de pesticidas que são utilizados em 1 a cada 5 suicídios realizados globalmente¹²¹. Tais pesticidas são mais utilizados em países no sul global, grandes produtores e exportadores de matéria prima vegetal. Outras medidas elencadas são: restrição de acesso a armas de fogo; instalação de barreiras em locais de alto risco como pontes e metrô; e restrição de acesso a remédios prescritos altamente tóxicos¹²².

O capítulo se encerra com uma análise das condições de trabalho que são considerados grandes influenciadores em ansiedade e depressão, como demandas demasiadamente altas e insegurança¹²³. Os modos de combater tais impactos novamente variam, de um aumento da legislação trabalhista até o “treinamento de gerenciamento de estresse baseado em *mindfulness* e abordagens cognitivo-comportamentais”¹²⁴.

Os dois últimos capítulos continuam na lógica contraditória apresentada desde o prefácio, e para não me alongar ou me repetir ao leitor comentarei apenas passagens

Mental health promotion and universal prevention focus on factors that support mental health

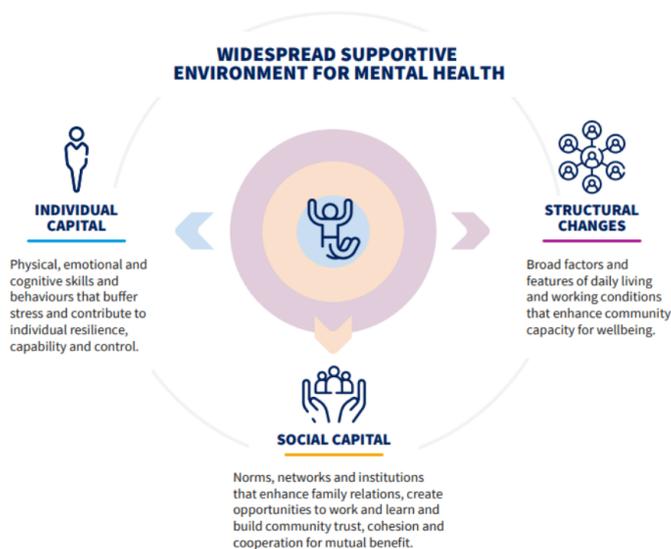


Imagem 06: Fatores de suporte para uma boa saúde mental. World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: World Health Organization; 2022, p. 150.

¹²⁰ *Idem*, p. 163.

¹²¹ *Idem*, p. 165.

¹²² *Idem*, p. 165.

¹²³ *Idem*, p. 182.

¹²⁴ “[...]stress management training using mindfulness-based or cognitive-behavioral approaches...” *Idem*, p. 186.

pontuais. O sétimo capítulo segue a lógica de defesa de um tratamento humanitário baseado nas “pessoas primeiro”¹²⁵ e com ênfase em instalações comunitárias em conjunto com auto-cuidados que não necessariamente passam por profissionais da área da psicologia ou psiquiatria e mesmo é introduzida a ideia de “auto-ajuda digital”¹²⁶. O oitavo capítulo segue para a conclusão do texto onde a noção de saúde mental pública segue sendo defendida pelo viés biologizante durante todo o discurso, ao passo que seu tratamento deriva de uma mescla da compreensão de saúde mental como direito essencial a ser provido pelo estado em conjunto com a ideia de indivíduos auto governantes que pelo treinamento emocional podem contribuir para sua melhora clínica.

O texto então se encerra da mesma forma como iniciou: com a contradição entre uma tentativa de compreensão humanizada de saúde mental e o produto da racionalidade neoliberal, entre as causas estruturais ambíguas e sem estruturas nominadas e a individualização biológica, entre o valor humano e o valor financeiro.

¹²⁵ “Peoples first” *Idem*, p. 189.

¹²⁶ “Digital self-help” *Idem*, p. 188.

Considerações Finais

A hipótese presentista de Hartog se cristalizou no meio acadêmico e foi alçada à posição de categoria de análise. Diversas análises partem pro pressuposto que o presentismo já é uma realidade dada e concreta. Porém, para se estruturar em um conceito útil para a análise, algumas considerações se tornam necessárias.

A junção da noção de presentismo com a ideia de realismo capitalista de Fisher parece, ao meu ver, um dessas considerações e compreensões necessárias. Onde Hartog peca na compreensão das causas, Fisher se demonstra essencial. A relação do conceito de regimes de historicidade e a análise cultural do realismo capitalista se complementam e fornecem aportes teóricos intercambiáveis extremamente importantes.

Enquanto o regime de historicidade se demonstra como uma importante ferramenta heurística e de exemplificação por comparação com o regime antigo e moderno, o realismo capitalista fornece a materialidade da causa e dos efeitos que o regime presentista germina na sociedade atual, a compreensão de tempo de uma sociedade passa necessariamente pelos discursos e impactos do modo de produção dominante nela, e no nosso caso é o da forma neoliberal de capitalismo.

Daí a compreensão apresentada de que a dominação do presente indicada pelo presentismo e a perda de perspectivas oriundas do realismo capitalista são produtos de um certo tipo de semântica e racionalidade. Tal racionalidade e perspectiva de tempo em conjunto acabam por formar um certo tipo de subjetividade, que por sua vez entram em choque com expectativas e compreensões do mundo dos indivíduos nela inseridos, gerando assim o mal-estar psíquico. Esse mal-estar tem um ligação profunda com o presente acelerado, afinal existe uma

limitação quanto ao conteúdo dos estímulos que [alguém] consegue integrar, a atenção consciente é provavelmente a função mais solicitada no mundo contemporâneo. É ela quem ata o psiquismo ao eterno presente, vivido não como fruição do corpo e da mente em repouso, mas como prontidão e antecipação permanente do futuro próximo que se representa (e se esgota) no instante seguinte¹²⁷

Dessa forma, o devir neoliberal se resume a um vazio, sempre focado na temporalidade encurtada do neoliberalismo, é a morte do desejo e do futuro¹²⁸. O que resta para a racionalidade neoliberal é integrar os efeitos dessa temporalidade disruptiva, o

¹²⁷ KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 130

¹²⁸ *Idem*, p. 233.

deprimido há de consumir e produzir¹²⁹. É necessário integrar esse produto da temporalidade presentista, o mal-estar, o sofrimento, dentro da sua lógica semântica.

Tal mal-estar então é catalogado e normalizado pelas mesmas estruturas que o produzem. O neoliberalismo toma posse da forma que se expressa a ideia de sofrimento, manobrando-a para seu próprio proveito. A gestão do sofrimento, e de suas formas de expressão, então se torna mais uma parte da totalidade discursiva e racional do mundo neoliberal. A forma de compreensão do sofrimento transforma-se em uma ferramenta de dominação, reprodução social e alicerce hegemônico, impulsionando predicados e influenciando a subjetividade geral, afinal “categorias clínicas não são estruturas descritivas, mas processos performativos”¹³⁰.

O relatório de 2022 da OMS é tomado então como exemplo desse discurso contraditório. É um caso do impacto do realismo capitalista, a impossibilidade de se pensar para além do sistema capitalista, nem ao menos mencionar o sistema em si é um claro indicativo. As condições estruturais são dadas como naturais e o caráter biologizante do discurso depressivo se faz presente por todo o texto.

Embora tente, sem dúvida por mérito dos profissionais ali envolvidos, defender um modelo mais humanizado de tratamento e de compreensão estrutural dos problemas relacionados à saúde mental. O verniz da humanização e preocupação social revela sua estrutura, a semântica neoliberal focada na capitalização da totalidade. Indivíduos ao mesmo tempo em que são responsabilizados tornam-se números de queda de produtividade e de retorno financeiro após o tratamento.

O relatório apesar de fazer avanços qualitativos, como a compreensão correta dos impactos do colonialismo ou de outros marcadores sociais como gênero, raça e sexualidade, acaba por funcionar como um reprodutor do discurso individualista e financeiramente focado. Logo pode ser compreendido como um objeto fruto desse realismo capitalista e da racionalidade neoliberal. A linguagem não consegue superar a barreira ideológica que lhe dá sua própria semântica.

Portanto, fica o indicativo de pesquisas mais profundas relacionando o conhecimento psicanalítico para compreender como a linguagem opera concretamente nas formas de dizer e seu impacto na percepção temporal, como por exemplo a teoria dos discursos do

¹²⁹ *Idem*, p. 104.

¹³⁰ SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 35

psicanalista Jacques Lacan, que por causa do caráter mais contido deste trabalho de conclusão de curso não foi possível inseri-lo pois seria necessário mais tempo e uma pesquisa mais profunda.

Não pretendo dar por terminada essa pesquisa ao chegar nessas conclusões finais. Este trabalho nada mais é que um exercício historiográfico, a busca de um pesquisador de tentar compreender como as relações entre infraestrutura e superestrutura operando dialeticamente podem influenciar a subjetividade dos sujeitos nelas envolvidos, seja na saúde mental ou na sua relação com o tempo histórico.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos Ideológicos do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.
- ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ARAÚJO, Valdei & PEREIRA, Matheus Henrique de Faria. *Atualismo: pandemia e historicidade no interminável*. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47, n. 1, p. 1-16, jan.-abr, 2020.
- ARAÚJO, Valdei Lopes de. **História da historiografia como analítica da historicidade**. **História da Historiografia**, n. 12, p. 34-44, agosto de 2013.
- AVILA, Arthur; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo. **A História (In)disciplinada**. Vitória, Milfontes, 2019.
- BADIOU, Alain; BALMÈS, François. **De l'idéologie**. Paris: Maspero, 1976.
- BARROS, Marilisa Berti de Azevedo et al. Report on sadness/depression, nervousness/anxiety and sleep problems in the Brazilian adult population during the COVID-19 pandemic. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, 2020.
- BOITO JR, Armando. Hegemonia neoliberal e sindicalismo no Brasil. **Crítica marxista**, v. 1, n. 3, 1996, p. 80.
- BOURDIEU, Pierre. *La esencia del neoliberalismo*. **Revista Colombiana de Educación**, [S. l.], n. 35, 1997. DOI: 10.17227/01203916.5426. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/RCE/article/view/5426>. Acesso em: 11 fevereiro de 2023.
- BROWN, Wendy. **Cidadania sacrificial: neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade**. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DA SILVA MENEZES, Ana Karla; DE MOURA, Lorena Fleury; MAFRA, Vanderson Ramos. Transtorno de ansiedade generalizada: uma revisão da literatura e dados epidemiológicos. **AMAZÔNIA: SCIENCE & HEALTH**, v. 5, n. 3, 2017.
- Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Geneva: World Health Organization; 2017.
- DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: Planeta, 2021.
- FISHER, Mark. **Fantasma da Minha Vida: Escritos Sobre Depressão, Assombrologia e Futuros Perdidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.
- FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, vol. 3.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte, Autêntica, 2013.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo. História e implicações.** São Paulo: Loyola, 2008.
- HERMIDA, Jorge Fernando; LIRA, J. de S. Estado e neoliberalismo no Brasil (1995-2018). **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba**, v. 13, n. 35, 2018.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal.** Rio de Janeiro; 2020.
- JAMESON, Fredric. *O fim da temporalidade.* **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 187-206, Jan-Jun 2011.
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio.** São Paulo: Ática, 1997.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões.** São Paulo: Boitempo, 2009.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo: estudos sobre história.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical.** São Paulo: Intermeios, 2015.
- LACLAU, Ernesto. **Política e ideologia na teoria marxista.** São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- MANGOLINI, Vitor Iglesias; ANDRADE, Laura Helena; WANG, Yuan-Pang. Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil: uma revisão de literatura. **Revista de Medicina**, v. 98, n. 6, 2019.
- MARQUES, Danilo Araújo. *Fim da História?: uma reflexão sobre as possíveis implicações políticas do regime de historicidade presentista.* **Temporalidades**, v. 7, n. 1, p. 364-374, 2015.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital: livro 1,** São Paulo, Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital: livro 2,** São Paulo, Boitempo, 2014.
- MOTTA, Luiz Eduardo; SERRA, Carlos Henrique Aguiar. *A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (im) pertinentes.* **Revista de Sociologia e Política**, v. 22, 2014.
- MUDROVICIC, Maria Inés. *Crisis del Futuro: política y tiempo,* **Ariadna Histórica**, vol. 4, p.99-115, 2015.
- NICOLAZZI, Fernando. *A história entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea.* **História: questões & debates**, v. 53, n. 2, 2010.
- ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 12–16, 2020..
- SAAD FILHO, Alfredo. *Neoliberalismo: uma análise marxista.* **Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx**, v. 3, n. 4, p. 58-72, 2015.
- SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós Neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

- SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. **Patologias do social: Arqueologia do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- SALLUM JR, B.. O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo. **Tempo Social**, v. 11, n. Tempo soc., 1999 11(2), p. 23-47, out. 1999.
- SANTOS, Marcelo Justus dos; KASSOUF, Ana Lúcia. Uma investigação dos determinantes socioeconômicos da depressão mental no Brasil com ênfase nos efeitos da educação. **Economia aplicada**, v. 11, 2007.
- TURIN, Rodrigo. **Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal**. Copenhagen: Zazie, 2019.
- World mental health report: transforming mental health for all**. Geneva: World Health Organization; 2022.
- ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 9, 1996.